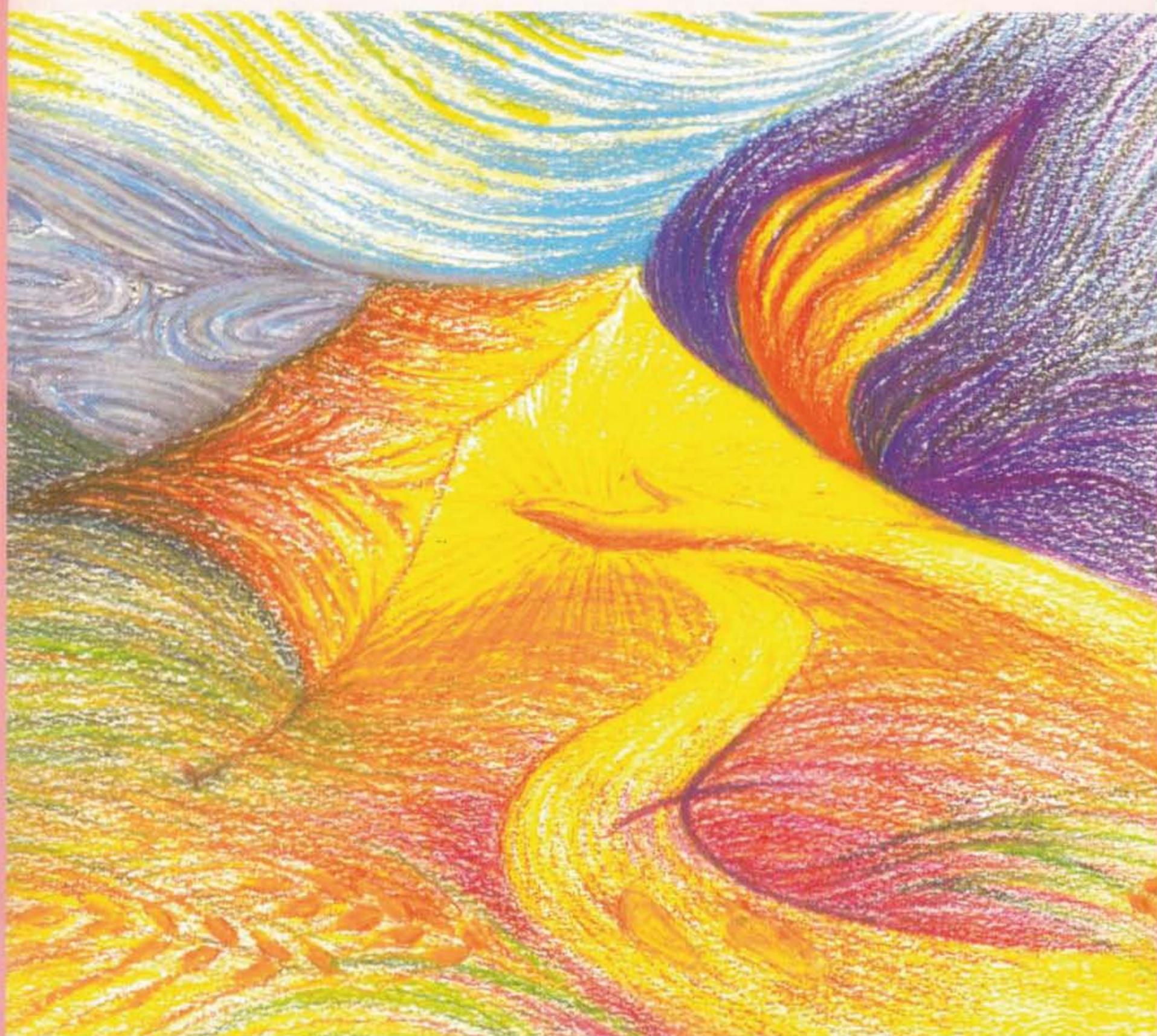


CONVERGÊNCIA



- Evangelização em um mundo pluralista
- Caridade evangélica e solidariedade mundial
- Espiritualidade – novas gerações, identidade e subjetividade
- “O diálogo inter-religioso como diálogo profético: compromisso missionário da Vida Consagrada”
- Psicanálise, Homossexualidade e Espiritualidade
- As imprecacões nos Salmos



CRB

Sumário

EDITORIAL	257
PALAVRA DO PAPA	262
INFORME CRB	266
ARTIGOS	270
Evangelização em um mundo pluralista.....	270
FAUSTINO TEIXEIRA - PPCIR-UFJF	
Caridade evangélica e solidariedade mundial	278
FREI CARLOS JOSAPHAT OP	
Espiritualidade – novas gerações, identidade e subjetividade	291
PRUDENTE NERY, OFMCAP	
“O diálogo inter-religioso como diálogo profético: compromisso missionário da Vida Consagrada”	298
CARLOS DEL VALLE, SVD - DIRETOR DA REVISTA TESTIMONIO	
Psicanálise, Homossexualidade e Espiritualidade	306
JOSÉ DEL-FRARO FILHO	
As imprecizações nos Salmos	311
LUÍS I.J. STADELMANN, SJ	

A ilustração da capa da Convergência de 2006, da artista Eleanor Corrêa Lanes, ICM, Itaguaí-RJ, evoca o ícone da itinerância do povo de Deus e do Deus do povo. A Vida Religiosa, itinerante e solidária, de pés ligeiros e mãos abertas, caminha na fidelidade ao Espírito, que faz novas todas as coisas. O projeto gráfico da capa foi elaborado na Letra Capital Editora.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:
Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:
Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitória, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e
Diversões Públicas do PDF
sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal
de seus autores e não refletem necessariamente o
pensamento da CRB como tal.*

Assinatura Anual para 2006	Brasil: R\$ 80,00
	Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
	Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

Editorial

- CRB -
- BIBLIOTECA -

R. Alcindo Guanabara, 24/4º - Cinelândia
Cep 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Artesãos de unidade

MARIA CARMELITA DE FREITAS

08 JUN 2006

Para os cristãos, construir e reconstruir a unidade, a partir do amor, é tarefa permanente e sempre prioritária porque obedece à vontade de Jesus: – *“Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros”* – (Jo 15,17) e é também expressão do seu mais profundo desejo: – *“Que todos sejam um”* (Jo 17,20). Nos dias de hoje essa tarefa tem peculiar atualidade porque o mundo está submetido a uma dinâmica de contradições e paradoxos, de ódios e violência.

Por um lado, o mundo se tornou uma “aldeia global”. As distâncias físicas parecem não ter mais importância. É como se existissem para ser canceladas. Do mesmo modo que já se anunciou o “fim da história”, também se anuncia hoje o “final da geografia”. Virtualmente, basta um segundo para ultrapassar distâncias e todo espaço físico. A internet, o e-mail nos conectam instantaneamente com todas as partes do mundo. No espaço cibernético, o ser humano é libertado dos limites e barreiras do próprio corpo, que ganha aí dimensões universais.

Ao mesmo tempo, crescem e se avolumam distâncias de ordem ideológica, étni-

ca, cultural e religiosa. O mundo está cada vez mais fragmentado e vulnerável a divisões dos mais diversificados signos. Não são poucos os muros que se erguem para que “outros” não violem o “espaço sagrado” de minorias privilegiadas e abastadas, nem invadam o “território ultra privado” dos que detentam o poder. Simultaneamente, proliferam os “campos” de prófugos, de banidos, de refugiados. A humanidade está dilacerada por uma escala de desigualdades que acaba se impondo como natural e até mesmo benéfica. Há insegurança e medo. Cada ser humano pode ser um potencial inimigo, uma ameaça inesperada. Em cada diferente, oculta-se uma ameaça latente, senão um adversário. As diferenças transformam-se, assim, em fonte de animosidade e conflito, provocando incontrolladas reações de autodefesa.

É precisamente nesse mundo globalizado e fragmentado, que suprime distâncias físicas e multiplica enormes distâncias de ordem ideológica e mesmo religiosa, que a Vida Religiosa está chamada a ser indutora de comunhão, artífice de diálogo, artesã

da unidade querida por Deus. O mandamento de Jesus – “amai-vos uns aos outros” – e sua prece para que “todos sejam um”, revestem-se hoje de peculiar urgência para os seus seguidores.

O mais substancial deste candente desafio consiste na nossa dificuldade de encontrar uma plataforma comum para tratar de abolir as divisões e aproximar as diferenças, sem ignorá-las nem negá-las. De fato, unidade não significa uniformização, redução do diferente à mesmidade do próprio universo de compreensão e de crenças. Grupos e comunidades de mentalidades iguais, avessas ao diferente, dificilmente serão signos fortes e proféticos do Reino. Seu testemunho não ultrapassará os limites estreitos do pequeno círculo daqueles que se identificam com seus esquemas e clichês. Sua força de convocatória estará debilitada e comprometida. Não chegarão a ser anúncio gozoso da imensidade de Deus.

Mas esta urgente tarefa requer da Vida Religiosa mais que uma atitude de superficial tolerância. A mera tolerância não faz nenhuma diferença. Deixa as coisas como sempre estiveram. Não gera a dor da conversão nem a alegria do reencontro. Só a tenaz capacidade de buscar entendimento nas visões díspares, diálogo nas controvérsias, comunhão na diferença, unidade na pluralidade, será linguagem audível e crível no mundo de hoje.

Pela sua vocação ao seguimento radical de Jesus, os religiosos e religiosas estão chamados a ocupar postos de vanguarda neste “mutirão da unidade” a que nos convocam as palavras do Mestre: – “*Que todos sejam um, como tu Pai e eu somos um*”. A grande pergunta é: Que passos precisam ser dados para que nossas comunidades se

transformem em “oficinas” deste novo “ecumenismo”? Anúncio eloqüente da espaçosa “casa de Deus”, a que todos os seres humanos estão convocados e onde todos e todas somos sempre bem-vindos?

Neste mês de junho, quando celebramos a semana da unidade entre os cristãos, Convergência quer levar aos leitores uma série de artigos capazes de ajudá-los a repensar e dinamizar a sua vocação ao seguimento de Jesus, particularmente na perspectiva da Comunhão e da Unidade.

“Evangelização em um mundo pluralista” é o excelente artigo do Prof. Faustino Teixeira. O eixo estruturador do texto é a acuciante pergunta: “Como conjugar o desafio da evangelização com a crescente situação de pluralismo religioso que caracteriza o mundo contemporâneo? Para o autor, “a tarefa evangelizadora não se situa mais num quadro referencial marcado pela força homogeneizadora de uma tradição hegemônica, mas no horizonte multifacetado de uma presença religiosa diversificada”. Nesse horizonte de abrangência da questão, o autor analisa o fenômeno do pluralismo religioso no marco da globalização atual, com seus riscos e possibilidades. Tece relevantes considerações sobre os desafios peculiares da evangelização num contexto de pluralismo religioso. Lembra que o desafio maior “é o de viver como Jesus, no meio dos pequenos e excluídos, dos próximos e vizinhos, daqueles que não partilham da mesma fé ou convicção. A meta e o horizonte da evangelização é o Reino de Deus, que transborda e dá sentido à missão eclesial. Proclamar o Reino é favorecer e promover a boa nova da justiça, da paz, da compaixão, do respeito e fraternidade entre os povos”.

Frei Carlos Josaphat, no seu artigo – “Caridade evangélica e solidariedade mundial” – trata com maestria o tema da solidariedade mundial, enlaçando-o com a sempre nova doutrina da caridade, exposta recentemente, de maneira magistral, pelo Papa Bento XVI, na sua primeira encíclica. O autor parte de algumas considerações sobre os dois pólos em torno aos quais se articula o seu texto, ou seja, a solidariedade como estratégia do amor no mundo tão bem globalizado e humanamente tão desencantado de hoje, e o amor gratuito como o único necessário e o valor supremo que deve iluminar a Igreja na sua missão. Nesse horizonte, desenvolve algumas idéias extremamente relevantes para a Igreja e a Vida Religiosa hoje. Ressalta o papel profético dos fundadores e fundadoras e alude à tendência – que marca a história da Vida Religiosa – a aprisionar os carismas fundacionais em estruturas rígidas, insistindo na necessária e permanente revisão crítica, a ser feita “na coragem e na verdade”. “Para que Religiosos e Religiosas vivam hoje profundamente a realidade da caridade em sua eficácia e sua universalidade, não de estar atentos às formas e aos modelos concretos assumidos pelas aspirações à solidariedade no mundo hoje. Terão que se abrir ao conjunto muitíssimo variado dos movimentos de protestos, de reivindicação, de luta, contra as violações dos direitos humanos e contra as depredações do nosso planeta Terra”. Só assim poderão enfrentar o desafio dos “monstros frios” da nossa época. Com acurado sentido do real e do viável, o autor sugere meios para fazer efetiva a solidariedade e “exercer uma influência transformadora no seio do império dominador e desmobilizador”. Nessa

perspectiva, o autor se refere às muitas práticas de solidariedade já em curso na sociedade atual e que sinalizam para um futuro diferente. No final do artigo, o autor faz um vigoroso apelo à Vida Religiosa para que seja criativamente fiel à sua vocação de testemunha do amor gratuito e da solidariedade militante: “Não será mesmo o grande momento, a grande oportunidade, a hora da plena fecundidade para a vida religiosa?”

“Espiritualidade, novas gerações, identidade e subjetividade”, de Frei Prudente Nery, é um sugestivo texto, que quer provocar o debate e suscitar a busca conjunta de resposta às novas e mudadas situações que vivem hoje religiosos e religiosas nascidos em torno ao, ou depois do marco cultural de 1968 ou do Concílio Ecumênico Vaticano II. Nessa perspectiva, o autor desenvolve interessantes e questionadoras considerações sobre “as viragens de uma época”. Embora reconhecendo a dificuldade de se estabelecer com precisão as fronteiras de uma viragem epocal, o autor distingue três momentos de substanciais mudanças no horizonte da grande viragem de época que estamos atravessando: – a modernidade, que ele chama de *luz, ímpeto, ânimo*; – a pós-modernidade, por ele considerada como o *entardecer, a fadiga, a ânsia*; – a contemporaneidade dita *a noite, o cansaço, a solidão, o sonho*. E observa com argúcia e oportunidade que “as características aqui apenas tangenciadas e toscamente descritas, permitem-nos vislumbrar o vulto espiritual da atual catolicidade. Neste *biotopos*, nasceram as novas gerações de religiosos e religiosas: filhos e filhas da contemporaneidade, do cansaço, da insegurança, da solidão... mas também

do sonho". Na conclusão, o autor afirma que é preciso ultrapassar o momento das constatações e lamentações para ter em conta as condições, sem as quais não sairemos da paralisia das verificações ou dos puros lamentos. Para ele, "a fé nos assegura: o ontem, o hoje e o amanhã são conduzidos não por queixumes ressentidos nem por denúncias inflamadas, mas pela solicitude de nossos cuidados, pelo recolhimento vigilante (vigília), pela paciência da esperança e pelas mãos invisíveis do espírito".

Carlos del Valle, SVD, no seu texto "O diálogo inter-religioso como diálogo profético: compromisso missionário da Vida Consagrada" – faz uma iluminadora reflexão sobre o sentido e o alcance do diálogo no mundo contemporâneo. O autor parte de sugestivas considerações sobre a espiritualidade do diálogo, para desenvolver depois dois tópicos particularmente relevantes para a Vida Religiosa. No primeiro, – "Chamados a ser profetas do diálogo inter-religioso" – apresenta o diálogo inter-religioso como dimensão constitutiva da tarefa missionária da Vida Religiosa na Igreja e no mundo, privilegiando o diálogo com pessoas de outras culturas e outras religiões. Afirma que "o grande desafio do diálogo inter-religioso se concretiza na busca da Verdade. Nunca a possuiremos em plenitude. Vamos, ao caminhar, aproximando-nos dela. E, logo, a Verdade não pode ser aprisionada em fórmulas rígidas. É algo que sempre nos ultrapassa; não podemos chegar até o fundo". No segundo tópico – "Diálogo inter-religioso, acontecimento de graça para a Vida Religiosa" – aborda a desafiadora questão das possíveis atitudes diante dos desafios do diálogo inter-religioso e das suas implicações proféticas. Lem-

bra que, no passado, a atitude condenatória de outras religiões foi freqüente e levou a posturas combativas e até mesmo desrespeitosas. Para ele, "a única alternativa autenticamente cristã na missão é o diálogo, um diálogo profético que se dá a partir da própria identidade e em abertura ao enriquecimento da diversidade. Um diálogo realizado sem pretensões nem simples concessões, sem superioridade nem complexos, sem monopólios (exclusivismo) nem relativismo (indiferença)". Entre as implicações proféticas do diálogo inter-religioso, o texto destaca a necessidade de um diálogo entre identidades abertas, mutuamente fecundantes e a importância da conversão pessoal e institucional, para poder compreender, respeitar, ouvir, aprender, enriquecer-se, não impor não dominar. O autor conclui afirmando que "na medida em que a vida religiosa entrar na dinâmica do diálogo inter-religioso, estará respondendo a um dos sinais mais preclaros do nosso tempo".

O artigo do Dr. José Del-Fraro – "Psicanálise, homossexualidade e espiritualidade" – aborda uma questão de peculiar relevância para a Vida Religiosa hoje. No começo do texto, o autor tece considerações de caráter mais geral sobre essa complexa temática, lembrando que "o advento da psicanálise no final do século XIX e início do século XX coloca a sexualidade humana no foco das preocupações e amplia enormemente o seu conhecimento. Ela vem revelar que grande parte de nossa sexualidade e sua estruturação é forjada na infância, suas raízes estruturantes são inconscientes e portanto, os mecanismos que a engendram desconhecidos de nossa consciência". Em seguida, o autor aborda com clareza e competência a questão mais es-

pecífica das motivações psicológicas que estão na gênese da homossexualidade masculina. Afirma que “para as ciências (Psiquiatria – Psicanálise – Psicologia) a homossexualidade não é um distúrbio e muito menos uma doença. Sua base genética é incerta e muitas de suas motivações psicológicas têm uma origem inconsciente, assim como na constituição da heterossexualidade”. O autor se refere também à homossexualidade feminina e aos possíveis fatores que desempenham papel determinante aí. Na conclusão, lembra que “Jesus jamais julgou qualquer ser humano, ia além das aparências e navegava em águas mais profundas atingindo não só a razão, mas o coração e a história das pessoas. Queria colocar no colo todos os excluídos e todas as pessoas”.

“As imprecações nos Salmos”, de Luis Stadelmann, SJ, é um texto sugestivo e bem documentado sobre o sentido e o alcance das imprecações no Livro dos Salmos. O autor lembra, na introdução, que “as fórmulas *imprecatórias* são classificadas na estilística entre os tropos, isto é, as figu-

ras de pensamento. Essas fórmulas não se reduzem a meros artifícios literários usados para maior expressividade da oração comunitária mediante o choque verbal de uma linguagem de invectivas, mas constituem um recurso literário para o *realce* de uma idéia, de um argumento, de uma reivindicação ou de um pedido, formulados em súplica dirigida a Deus”. Ao longo do artigo, o autor desenvolve questões importantes para a adequada compreensão do tema, tais como: – o teor e a forma literária; – os destinatários que se tem em vista; – os sujeitos desses pronunciamentos; – os critérios para a leitura cristã dos salmos; – o porque da recitação das imprecações na oração comunitária; – e a ira de Deus nos salmos. Concluindo, lembra que “o perfil dos fiéis que rezam os Salmos se distingue pela solidariedade com os membros da comunidade de fé no contexto da liturgia. São eles que assumem não só os temas da fé, mas também sua vivência nos diversos grupos sociais envoltos num clima de sentimentos intensos e acostumados e proceder com energia no cumprimento de sua missão na vida”.

“O mundo está cada vez mais fragmentado e vulnerável a divisões dos mais diversificados signos.”



Vigília Pascal Homilia do Santo Padre Bento XVI

Basílica Vaticana
Sábado Santo, 15 de abril de 2006

«*Procurais Jesus, o Crucificado. Não está aqui: ressuscitou*» (Mc 16,6). Deste modo se dirige às mulheres, que vão ao túmulo procurar o corpo de Jesus, o mensageiro de Deus, revestido de luz. Mas, nesta noite santa, o evangelista diz o mesmo a nós: Jesus não é um personagem do passado. Ele está vivo, e como vivente caminha à nossa frente; chama-nos a segui-Lo a Ele, o Vivente, e a encontrar deste modo também nós o caminho da vida.

«*Ressuscitou... Não está aqui*». A primeira vez que Jesus falou da cruz e da ressurreição aos discípulos, estes, enquanto desciam do monte da Transfiguração, interrogavam-se o que queria dizer «ressuscitar dos mortos» (Mc 9,10). Na Páscoa, alegramo-nos porque Cristo não ficou no sepulcro, o seu corpo não conheceu a corrupção; pertence ao mundo dos vivos, não ao dos mortos; alegramo-nos porque – como proclamamos no rito do Círio Pascal

– Ele é o Alfa e simultaneamente o Ômega, e portanto a sua existência é não apenas de ontem, mas de hoje e por toda a eternidade (cf. Hb 13,8). Todavia, a ressurreição está de tal modo colocada fora do nosso horizonte, que, reentrando em nós mesmos, damos conosco a continuar a discussão dos discípulos: Em que consiste propriamente o «ressuscitar»? Que significado tem para nós? Para o mundo e a história no seu todo? Uma vez, um teólogo alemão afirmou ironicamente que o milagre dum cadáver reanimado – se é que isso verdadeiramente se verificou, fato em que ele, porém, não acreditava – seria, tudo somado, irrelevante precisamente porque não nos diria respeito. Com efeito, se tivesse sido reanimado uma vez apenas um tal, e nada mais... de que modo isso teria a ver conosco? Mas, a ressurreição de Cristo é exatamente algo mais, é uma realidade diversa. É – se nos é permitido por uma

vez usar a linguagem da teoria da evolução – a maior «mutação», em absoluto o salto mais decisivo para uma dimensão totalmente nova, como nunca se tinha verificado na longa história da vida e dos seus avanços: um salto para uma ordem completamente nova, que tem a ver conosco e diz respeito a toda a história.

A discussão, que teve início com os discípulos, incluiria, pois, as seguintes questões: O que é que sucedeu então? Que significado tem isso para nós, para o mundo no seu todo e para mim pessoalmente? Antes de mais nada: o que é que aconteceu? Jesus já não está no sepulcro. Está numa vida inteiramente nova. Mas, como foi possível acontecer isso? Que forças intervieram lá? Decisivo é o fato de que este homem Jesus não estava só, não era um Eu fechado em si mesmo. Ele era um só com o Deus vivo, unido de tal modo a Ele que formava com Ele uma única pessoa. Encontrava-Se, por assim dizer, num abraço com Aquele que é a própria vida, um abraço não apenas sentimental, mas que englobava e penetrava o seu ser. A sua própria vida não era própria apenas d'Ele, era uma comunhão existencial com Deus e um ser inserido em Deus, e por isso não podia realmente ser-lhe tirada. Por amor, pôde deixar-Se matar, mas precisamente assim rompeu o caráter definitivo da morte, porque n'Ele estava presente a dimensão definitiva da vida. Ele era um só com a vida indestrutível, de modo que esta, através da morte, desabrochou de novo. Podemos exprimir a mesma coisa uma vez mais, mas partindo de outro lado. A sua morte foi um ato de amor. Na Última Ceia, Ele antecipou a morte e transformou-a no dom de Si mesmo. A sua comunhão existencial com Deus era, em concreto, uma comunhão exis-

tencial com o amor de Deus, e este amor é a verdadeira força contra a morte, é mais forte do que a morte. A ressurreição foi como que uma explosão de luz, uma explosão do amor que desfez o nó até então indissolúvel entre «morre e transforma-se». Aquela inaugurou uma nova dimensão do ser, da vida, na qual, de modo transformado, se integrou também a matéria, e através da qual surge um mundo novo.

É claro que este acontecimento não é um milagre qualquer do passado, cuja realização ou não, no fundo, nos pudesse ser indiferente. É um salto de qualidade na história da «evolução» e da vida em geral para uma nova vida futura, para um mundo novo que, a começar de Cristo, incessantemente penetra já neste nosso mundo, transforma-o e atrai-o a si. Mas, como se verifica isto? Como pode este acontecimento chegar efetivamente até mim e atrair a minha vida para si e para o alto? A resposta, à primeira vista talvez surpreendente mas totalmente real, é: tal acontecimento chega até mim através da fé e do Batismo. Por isso, o Batismo faz parte da Vigília Pascal, como se evidencia também nesta celebração com a administração dos Sacramentos da Iniciação cristã a alguns adultos originários de vários Países. O Batismo significa precisamente isto: que não está em questão um fato do passado, mas que um salto de qualidade da história universal chega até mim envolvendo-me para me atrair. O Batismo é algo muito diverso de um ato de socialização eclesial, de um rito um pouco fora de moda e complicado para acolher as pessoas na Igreja. É também mais do que uma simples lavagem, do que uma espécie de purificação e embelezamento da alma. É realmente morte e res-

surreição, renascimento, transformação numa vida nova.

Como podemos compreendê-lo? Penso que será mais fácil de esclarecer o que acontece no Batismo se formos ver a parte final da breve autobiografia espiritual, que São Paulo nos ofereceu na sua *Carta aos Gálatas*. De fato, as suas palavras conclusivas encerram o núcleo desta biografia: «*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*» (Gl 2,20). Vivo, mas já não sou eu. O próprio eu, a identidade essencial do homem – deste homem, Paulo – foi modificada. Ele existe ainda, e já não existe. Atravessou um «não» e encontra-se continuamente neste «não»: *Eu, mas já «não» eu*. Com estas palavras, Paulo não descreve qualquer experiência mística que porventura lhe tivesse sido concedida e que poderia interessar-nos, quando muito, sob o ponto de vista histórico. Não, esta frase é a expressão do que aconteceu no Batismo. O meu eu próprio é-me tirado e inserido num novo sujeito maior. Tenho de novo o meu eu, mas agora transformado, trabalhado, aberto por meio da inserção no Outro, no qual adquire o seu novo espaço de existência. Paulo explica-nos a mesma coisa, uma vez mais e sob outro aspecto, quando, no terceiro capítulo da *Carta aos Gálatas*, fala da «promessa» dizendo que esta foi feita no singular – a um só: a Cristo. Só Ele traz consigo toda a «promessa». Mas o que é feito então de nós? Vós tornastes-vos um em Cristo – responde Paulo (Gl 3,28). Não um só, mas um, um único, um único sujeito novo. Esta libertação do nosso eu do seu isolamento, este achar-se num novo sujeito é encontrar-se na imensidão de Deus e ter sido arrebatado para uma vida que saiu, já agora, do contexto

do «morre e transforma-se». A grande explosão da ressurreição agarrou-nos no Batismo para nos atrair. Deste modo ficamos associados a uma nova dimensão da vida, na qual nos encontramos já de algum modo inseridos, no meio das tribulações do nosso tempo. Viver a própria vida como um contínuo entrar neste espaço aberto: tal é o significado do ser batizado, do ser cristão. É esta a alegria da Vigília Pascal. A ressurreição não passou, a ressurreição alcançou-nos e agarrou-nos. A ela, isto é, ao Senhor ressuscitado nos agarramos, sabendo que Ele nos segura firmemente, mesmo quando as nossas mãos se debilitam. Agarramo-nos à sua mão, e assim seguramos também as mãos uns dos outros, tornamo-nos um único sujeito, não apenas um só. *Eu, mas já não eu*: tal é a fórmula da existência cristã fundada no Batismo, a fórmula da ressurreição dentro do tempo. *Eu, mas já não eu*: se vivemos deste modo, transformamos o mundo. É a fórmula que contrasta todas as ideologias da violência, e o programa que se opõe à corrupção e à ambição do poder e do possuir.

«*Eu vivo, e vós vivereis*» – diz Jesus no *Evangelho de João* (14,19) aos seus discípulos, isto é, a nós. Viveremos através da comunhão existencial com Ele, através do estar inseridos n'Ele que é a própria vida. A vida eterna, a bem-aventurada imortalidade, não a possuímos por nós mesmos nem a temos em nós mesmos, mas ao invés por meio duma relação – por meio da comunhão existencial com Aquele que é a Verdade e o Amor e, conseqüentemente, é eterno, é o próprio Deus. A mera indestrutibilidade da alma não poderia por si só dar um sentido a uma vida eterna, não poderia torná-la uma vida verdadeira. A vida

vem-nos de ser amados por Aquele que é a Vida; vem-nos de viver com Ele e de amar com Ele. *Eu, mas já não eu*: é este o caminho da cruz, o caminho que «cruza» uma existência fechada apenas no eu, abrindo assim precisamente a estrada para a alegria verdadeira e duradoura.

Deste modo podemos, cheios de alegria, juntamente com a Igreja cantar no Precô-

nio: «Exulte de alegria a multidão dos anjos (...). Rejubile também a terra». A ressurreição é um acontecimento cósmico, que engloba céu e terra e os associa um à outra. E ainda com o Precônio podemos proclamar: «Jesus Cristo vosso Filho (...), ressuscitando de entre os mortos, iluminou o gênero humano com a sua luz e a sua paz e vive glorioso pelos séculos dos séculos». Amém!

“A ressurreição foi como que uma explosão de luz, uma explosão do amor que desfez o nó até então indissolúvel entre «morre e transforma-se».”

Informe CRB



1. PROFORMAR – Programa de Formação para Assessoras Regionais

A CRB Nacional em seu Plano Global de Ação, projetou momentos fortes de formação para as Assessoras Executivas Regionais, com o objetivo de oferecer a essas lideranças da Vida Religiosa Consagrada um espaço de reflexão, atualização e interiorização em vista da animação da VRC nas respectivas Regionais. Nesta perspectiva, nos dias 08 a 12 de março, na cidade de Vassouras – RJ foi realizado o PROFORMAR de 2006, com a participação de 41 Assessoras das vinte Seções Regionais da CRB Nacional. O tema de reflexão, estudo e partilha foi: Vida e Missão da Assessora da CRB.

Na abertura do encontro celebramos o dia da Mulher, fazendo a memória das mulheres que na história foram protagonistas na luta pela construção da cidadania e de relações de dignidade e igualdade. Tomamos consciência que como mulheres consagradas somos chamadas a colocar o nosso potencial feminino à serviço do Reino, no desabrochar de novas relações de vida: relações humanizadoras e igualitárias entre homens e mulheres. Com alegria e, de forma significativa, acolhemos as

novas Assessoras Regionais que passaram a integrar o grupo no serviço da animação da Vida Religiosa no Brasil.

Os primeiros dias foram dedicados à formação, onde priorizou-se dois eixos:

- Relações humanas e suas dinâmicas no serviço de assessoria, tendo como facilitadora Ir. Edênia Granjeiro Sampaio, SDS.
- Espiritualidade e novas relações à luz do Evangelho de Marcos com Ir. Zenilda Luzia Petry, FSJ.

Ir. Maris Bolzan retomou com todo o grupo a mística do Plano Global de Ação da CRB Nacional e, junto com a Coordenação Executiva da Nacional, partilhou a trajetória e as perspectivas futuras dos diferentes Projetos do Plano Global de Ação. Dedicou-se um tempo específico para as questões administrativas e contábeis financeiras da CRB. Foi significativa também a partilha das Assessoras Regionais sobre seus desafios e conquistas em relação a animação da Vida Religiosa nas respectivas Regionais.

O encontro terminou com um passeio pela cidade histórica de Vassouras, conhe-

cida como a cidade dos grandes Barões da era do café. Visitou-se uma das antigas fazendas do café, hoje transformada em Hotel Fazenda.

No seu todo o encontro foi avaliado como muito bom. Veio de encontro com as expectativas das Assessoras Regionais. Proporcionou um bonito e profundo entrosamento entre elas. Ocorreu de maneira simples e serena. A acolhida das irmãs da casa foi de ternura e carinho. Deu-se destaque também à criatividade e pro-

fundidade dos momentos celebrativos, a coesão da equipe da CRB Nacional e ao gostoso momento recreativo.

Louvado seja Senhor pela história que estamos construindo neste momento histórico da Vida Religiosa Consagrada, por todo o empenho e dedicação das equipes de animação e pelas iniciativas bonitas e ousadas que alimentam a utopia da Refundação da Vida Religiosa Consagrada.

Coordenação Executiva Nacional

2. II Encontro Nacional Justiça e Paz

Vida Religiosa Consagrada e Compromisso Solidário Brasília:

31 de março e 1º de abril de 2006

Atendendo à convocação da Comissão Brasileira Justiça e Paz e da CRB Nacional, desde a tarde de 31 de março, até meio dia de 1º de abril de 2006, cerca de 30 famílias religiosas (incluindo várias Congregações) reuniram-se em Brasília para o II Encontro Nacional sobre Vida Religiosa Consagrada e compromisso solidário. Uma boa representação, sem dúvida, mas que se espera mais numerosa no futuro, para conseguir juntar cada vez mais experiências e forças para o compromisso exigente e inadiável por uma sociedade justa e fraterna. Coincidentemente, a data era muito significativa, na infeliz memória do ano 1964.

O encontro iniciou com uma mística que incluiu a leitura de uma longa carta da

mexicana Georgina Zubiría Maqueo, rscj, com o título "Ditosos os olhos que vêem", dirigida à Vida Consagrada, chamada de Renata. Carta para além de bonita, pela solidez dos conteúdos, pela lúcida consciência dos desafios da realidade, pela forte inspiração carregada de ousadia, alegria e esperança e pela redação poética e delicada. Trechos dela servirão como guia ideal para relatar aqui os principais momentos do Encontro, transmitindo assim um pouco do espírito que animou a assembléia e que está por trás da aridez do resumo.

A realidade

"Tua vida nova se gesta, pouco a pouco no seio de uma cultura de morte, em que

crecem cada vez mais a violência, a injustiça e a exclusão... Em solidariedade com a in-humanidade que as estruturas do pecado impõem às maiorias de nosso planeta, poderás impelir a história em direção à estruturação da graça".

A primeira parte do Encontro foi dedicada principalmente à análise da conjuntura brasileira, contando com a assessoria dos padres Virgílio Uchoa e Ernanne Pinheiro que apresentaram também o documento da CNBB para o ano eleitoral, que eles definiram "muito bonito e no mesmo tempo bem didático, com opção clara e objetiva do País que queremos construir".

As experiências

"Tua posição sócio-política, cultural e religiosa não é neutra. Temos que admiti-lo. As construções edificadas ao longo da história, minha querida Renata, isolaram e privilegiaram as religiosas e os religiosos. Por isso é necessário derrubar e demolir as barreiras que nos têm separado. És parte do povo! Somente a partir dele tem sentido".

O primeiro dia terminou com trabalhos em grupos, por regiões do Brasil, para preparar uma panorâmica das várias iniciativas no campo da justiça e paz e defesa da criação, a ser apresentada na plenária do dia seguinte.

Assim, a manhã do dia 1º de abril foi ocupada para conhecer as experiências, levantar desafios e escolher algumas prioridades.

Como sempre, o relatório dos trabalhos foi vasto e diferenciado, mostrando preocupação para com a formação do povo e das/dos religiosas/os, através da preparação de material, cursos, nas escolas, seminários grupos de reflexão, semana da paz,

4ª Semana Social, Romaria ecológica, participação a eventos. Houve avanços também na parte organizativa, apoiando grupos existentes, promovendo novos, incentivando parcerias e trabalho em rede, criando comitês. Continuam e progridem atividades como: Comissões JUPIC; Centros de Defesa dos Direitos Humanos; luta por políticas públicas; presença nas várias pastorais sociais e movimentos, associações, cooperativas; Frente em Defesa da Amazônia (FDA); junto a pessoas e famílias vítimas de violência; nas favelas; na acolhida e apoio dos estrangeiros etc.

Foram destacadas três experiências: Comitê Dorothy; defesa do Rio São Francisco; assembléia popular. Limitamo-nos a relatar sobre a primeira, que ocupou mais tempo e espaço, transformada numa emocionante celebração.

A frágil chama de uma vela levantada por Irmã Margarida Maria Pantoja da Silva, MST, do Comitê Irmã Dorothy, no Pará, ilumina a imagem da mártir, enquanto os presentes repetem o mantra: "Esta luta é nossa, esta luta é do povo; é com justiça que se faz o Brasil novo". Dentro desse clima de oração e de contagiante solidariedade com a causa pela qual ela foi assassinada, são colocadas as últimas informações.

O Comitê atua para manter viva a memória da Dorothy e a continuação da sua luta, dando apoio às pessoas ligadas ao trabalho da missionária, expostas à reação dos poderosos que festejaram o crime e se organizaram para defender os responsáveis diretos, usando a bem conhecida estratégia de sujar a memória da vítima. Fazem parte do Comitê: religiosas, jovens e de mais idade, leigos católicos e também de outras Igrejas. Conta com impor-

tantes parceiros, como Green-peace. Foi fundamental o apoio da CRB Nacional.

O Comitê se reúne todas as semanas, para avaliar, planejar e reforçar os laços afetivos, tão necessários para continuar com decisão e serenidade.

Existe um site www.comitedorothy.cjb.net e o e-mail comitedorothy@yahoo.com.br. Vai o convite às congregações para se afiliar ao Comitê: basta expressar o desejo, enviando um e-mail.

Prioridades

"Percebemos sinais de que nossa capacidade de tolerância diminui com vigorosa força diante da alarmante pobreza, das guerras, diante da violência e do terrorismo, da agressiva exploração de nossa terra, da exclusão do diferente, diante da marginalização daqueles e daquelas a quem o sistema considera dispensáveis... Queremos participa com lucidez crente, na construção de novos paradigmas da humanidade"

Concluindo os trabalhos, o Encontro assumiu as seguintes prioridades:

1. Aprofundar a reflexão sobre as inter-

ajudas, avançando na integração entre as famílias religiosas.

2. Assumir como eixo de ação a Cultura da Paz

3. Participar no processo eleitoral, educando para o voto consciente, o combate à corrupção e a continuação da participação também depois das eleições.

4. Insistir na formação para os Direitos Sociais, contribuindo para que o povo se liberte do clientelismo.

Para terminar, vale lembrar os dois abaixo assinados promovidos pelos participantes do Encontro: o primeiro endereçado ao Secretário da CNBB, lamentando o fato de o tema da Campanha da Fraternidade ficar excluído dos cantos litúrgicos, com grande prejuízo à conscientização dos fiéis. O segundo em apoio a Dom Erwin, ameaçado e também intimado pelo presidente do TJ-PA, por uma homilia profética ligada ao assassinato da Irmã Dorothy.

Pe. João Pedro Baresi
(missionário comboniano)
cjpsf@uol.com.br

Evangelização em um mundo pluralista

FAUSTINO TEIXEIRA
PPCIR-UFJF

Introdução

Faz parte fundamental da identidade católico-romana a tarefa evangelizadora. Em sua exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI indica que "a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja"¹. Como conjugar este desafio da evangelização com a crescente situação de pluralismo religioso que constitui um marco decisivo deste novo milênio que se inicia? A realidade da globalização e a presença da pluralização religiosa apresentam-se hoje como traços instaurados e permanentes, que não podem sob hipótese alguma ser descartados ou considerados contingenciais. Não há como manter uma visão tradicional de evangelização deslocada do novo desafio que acompanha a percepção do pluralismo religioso não apenas como um dado de fato, mas como uma realidade de princípio. A

tarefa evangelizadora não se situa mais num quadro referencial marcado pela força homogeneizadora de uma tradição hegemônica, mas no horizonte multifacetado de uma presença religiosa diversificada. Há também o desafio crescente de assumir a perspectiva evangelizadora mantendo aceso o "espírito do diálogo", o respeito essencial à liberdade religiosa e a chama da compaixão. A verdadeira missão evangelizadora deve estar sempre animada e penetrada pelo diálogo e pela responsabilidade global; pela "atitude de respeito e de amizade" pelo outro, pelo diferente, que traz consigo um mistério irredutível e imponderável, mas também pela responsabilidade em favor do bem estar eco-humano.

1. Globalização e Pluralismo Religioso

Vivemos tempos de globalização intensificadora, de afirmação de uma consciên-

¹ PAULO VI. A evangelização no mundo contemporâneo. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975, n. 14 (*Evangelii nuntiandi*).

cia mais planetária, de aproximação de culturas e religiões. Esta globalização não constitui unicamente um fenômeno econômico, mas traduz igualmente uma transformação do contexto comunitário e pessoal da experiência social. As atividades cotidianas passam a ser influenciadas por eventos que ocorrem nos lugares mais distantes. Não há como negar o impacto exercido por tal fenômeno nas identidades culturais e religiosas. As identidades são "discursivamente forçadas a uma exposição", provocadas à interrogação e ao discurso.² A globalização aproxima identidades que são distintas: as diferenças tomam-se mais localizadas e visíveis, diretamente encontradas. Isto não significa, necessariamente, a instauração de uma dinâmica dialogal. Em realidade, a aproximação não proposital de identidades distintas leva muitas vezes à suspeita, ao temor e ao conflito.³ A presença "ameaçadora" do outro provoca, em casos concretos, o temor do desenraizamento e da perda da identidade. O atual crescimento dos fundamentalismos ou neofundamentalismos é uma expressão viva deste temor.

A afirmação da modernidade veio acompanhada de um aumento quantitativo e qualitativo da pluralização, entendida também como pluralização física e demográfica. Verifica-se palpavelmente um crescimento populacional, uma maior aproximação involuntária das pessoas, uma exposição pelos meios de comunicação de massa de

diferentes e contraditórios modos de pensar e viver etc. O sociólogo Peter Berger tem abordado extensivamente esta questão e levantado indagações bem pertinentes para a reflexão. Em sua visão, o pluralismo cria uma condição de incerteza permanente com respeito ao que se deveria crer e ao modo como se deveria viver; mas a mente humana abomina a incerteza, sobretudo no que diz respeito ao que verdadeiramente conta na vida. Quando o relativismo alcança uma certa intensidade, o absolutismo volta a exercer um grande fascínio⁴

O temor provocado pelo pluralismo, sobretudo suas possíveis conseqüências no campo da afirmação do sentido, tem suscitado a criação diversificada de mecanismos de defesa institucional voltados a impor limites à interação e comunicação das identidades distintas. Para driblar o risco da desorientação e dispersão identitária, erguem-se, por todo canto, "muros" de defesa voltados para a afirmação rigorosa das convicções tradicionais e a manutenção da auto-evidência de sua plausibilidade.⁵ Entende-se claramente a razão que move hoje em dia inúmeros grupos que buscam normas de navegação, marcos referenciais mais seguros para a sua vida, quando não rígidos e cristalizados. Verifica-se igualmente tal tendência em muitas instituições religiosas ou núcleos a elas relacionados. Na base desta busca de parâmetros mais seguros ou firmes encontra-se o receio da relativização que

² Anthony GIDDENS. Para além da esquerda e da direita. São Paulo: Unesp, 1995, p. 13 e 101.

³ Clifford GEERTZ. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 158.

⁴ Peter BERGER. Una gloria remota. Avere fede nell'epoca del pluralismo. Bologna: Il Mulino, 1994, p. 48.

⁵ Peter BERGER & Thomas LUCKMANN. Modernidade, pluralismo e crise de sentido. Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 37-74.

pode acompanhar a dinâmica de afirmação do pluralismo. Ao desacreditar os conhecimentos auto-evidentes e as interpretações tidas como únicas em validade, o pluralismo moderno vem responsabilizado pelas crises subjetivas e intersubjetivas. Ergue-se uma crítica contundente ao pluralismo moderno, responsabilizado pela desestabilização das "auto-evidências das ordens de sentido e de valor que orientam as ações e sustentam a identidade"⁶.

Os que defendem o diálogo inter-religioso insistem na idéia de que o pluralismo moderno, e em particular o pluralismo religioso, constitui hoje um desafio insuperável⁷, trazendo consigo uma exigência de transformação dos parâmetros de orientação da vida e de percepção da identidade. O pluralismo vem acolhido como um valor inevitável e não fonte de insegurança. O diálogo inter-religioso busca ser uma alternativa possível ao risco representado pela realidade tensa da imediatez das distinções religiosas, que podem provocar a afirmação de "identidades mortíferas". Trata-se de uma forma emergente de regulação ou "gerenciamento convivial das identidades coletivas"⁸. O diálogo inter-religioso aposta na possibilidade de uma afirmação plural das identidades, abertas e disponibilizadas ao aprendizado da alteridade.

O pluralismo religioso traduz a presença real e desafiadora de identidades religi-

osas complexas e distintas, pontuadas pela consciência viva de sua singularidade e pela força de suas convicções. Marca uma perspectiva de mudança com respeito a um momento anterior caracterizado por uma maior homogeneidade de pertencimento. Como fenômeno tipicamente moderno, as religiões passam a reivindicar maior autonomia e legitimidade específicas. Com o pluralismo religioso afirma-se igualmente a reivindicação crescente em favor da liberdade religiosa e a oposição a quaisquer tentativas de proselitismo ou coerção no campo religioso.

2. Pluralismo religioso e evangelização

O momento atual de pluralismo religioso exige, assim, uma nova aproximação e abordagem da questão da evangelização. Não há como continuar afirmando teses tradicionais que indicavam o cristianismo como ponto de encontro das várias tradições religiosas. Há uma certa ingenuidade em acreditar, como João Paulo II, que "o ano 2000 convida a encontrarmos-nos, com renovada fidelidade e mais profunda comunhão, sobre as margens deste grande rio da Revelação, do Cristianismo e da Igreja (...)".⁹ O pluralismo religioso não constitui uma realidade provisória, mas um traço historicamente duradouro e insuperável. Sob o ponto de vista teológico, é ne-

⁶ Ibidem, p. 73.

⁷ Claude GEFFRÉ. *Croire et interpréter*. Paris: Cerf, 2001, p. 9. Para Geffré, o pluralismo religioso "pode ser considerado como um destino histórico permitido por Deus, cuja significação última nos escapa": Ibidem, p. 95.

⁸ Pierre SANCHIS. A graça e a gratidão. *Teoria & Sociedade*. Número especial. Belo Horizonte: UFMG, maio de 2003, p. 167; Danièle HERVIEU-LÉGER. *Le pèlerin et le converti*. Paris: Flammarion, 1999, p. 260.

⁹ JOÃO PAULO II. *Tertio millennio adveniente*. São Paulo: Paulinas, 1994.

cessário um passo adiante na reflexão sobre o tema, superando as interpretações que identificam o pluralismo religioso como expressão provisória e contingente, ou mesmo reflexo da cegueira culpável dos seres humanos em sua incapacidade de perceberem a verdadeira religião. A teologia vem convocada a reconhecer neste pluralismo uma expressão das "riquezas da sabedoria infinita e multiforme de Deus"¹⁰. Daí se falar hoje em dia de um pluralismo religioso de princípio, que revela a dinâmica de uma acolhida positiva da diversidade religiosa como um valor singular. As religiões não são apenas genuinamente diferentes, mas também autenticamente preciosas. Há que honrar esta alteridade em sua especificidade peculiar. E honrar a alteridade é ser capaz de reconhecer algo de irreduzível e irrevogável nas outras tradições religiosas.

Verifica-se hoje também no campo da reflexão ecumênica uma preocupação em resguardar a singularidade da diversidade. Evita-se definir a atividade ecumênica como a anexação das outras Igrejas cristãs à Igreja católico-romana. A unidade requerida não é em favor de uma Igreja única, mas de uma unidade que preserve a diversidade legítima.¹¹ Não existe um "vazio eclesial" nas experiências eclesiais não católicas, mas traços de grande valor, que inclusive favorecem a percepção de aspectos do mistério cristão que escapam da percepção católica.¹²

O mesmo procedimento de respeito à alteridade presente no campo do ecumenismo vem requerido no tratamento do diálogo inter-religioso. É sugestivo perceber como o processo dialogal entre o cristianismo e o judaísmo revelou-se paradigmático para o "ecumenismo" inter-religioso. O papa João Paulo II, em discurso aos representantes da comunidade judaica de Roma, em abril de 1986, assinalou que os judeus são portadores de uma "vocação irrevogável".¹³ Esta afirmação da "perenidade de Israel" e de sua aliança, tem servido de base para a indagação teológica atual sobre a presença de um traço igualmente irreduzível e irrevogável misteriosamente presente nas demais tradições religiosas.¹⁴

Neste tempo de pluralismo religioso e de reconhecimento da positividade das diversas tradições religiosas, a dinâmica evangelizadora ganha um significado peculiar. Sem perder a percepção da importância da evangelização explícita, que mantém-se viva como prioridade de importância lógica e ideal, reforça-se agora o seu sentido mais lato, de evento global e não circunscrito à proclamação meramente verbal. Recupera-se a idéia de evangelização como fenômeno "rico, complexo e dinâmico", enquanto exercício essencial de "tornar nova a própria humanidade" (EN 18). Verifica-se uma estreita vinculação da evangelização com a promoção humana, mas também com o diálogo inter-religioso, que

¹⁰ SECRETARIADO Para os Não-Cristãos. A Igreja e as outras religiões. São Paulo: Paulinas, 2001, n. 41 (Diálogo e Missão)

¹¹ Walter KASPERS. L'unica chiesa di Cristo. Il Regno-Attualità, v. 4, 2001, p. 130.

¹² JOÃO PAULO II. Ut unum sint. São Paulo: Paulus, 1995, ns. 13 e 14.

¹³ PONTIFÍCIO Consiglio per il Dialogo Interreligioso. Il dialogo interreligioso nel magistero pontificio. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994, p. 395.

¹⁴ Claude GEFFRÉ. Croire et interpréter. Paris: Cerf, 2001, p. 143.

em casos concretos aparece como única forma de testemunho e serviço.

A mensagem cristã deve ser compreendida não como um imperativo categórico para todos, mas sobretudo como oferta de uma singularidade. A missão evangelizadora é essencialmente uma "missão de amor". Encontra sua razão de ser e sua raiz na experiência do Deus de amor (1Jo 4,8.16), que é uma experiência de "amor fontal". No encontro com Jesus, os cristãos vivem a radicalidade de uma dinâmica de amor, bem como um exemplo de vida descentrada e dedicada ao serviço: alguém que proclamou o projeto de Deus muito mais com os atos e o diálogo do que com as palavras. É a partir deste "centro do mistério do amor" que nasce a decisão e o desafio do impulso missionário. Em sua raiz encontra-se a experiência de um amor profundo por Jesus Cristo, que se traduz pelo desejo de compartilhá-lo com os outros. Antes de ser o resultado de um mandato, a missão evangelizadora é expressão de um mistério do amor que transformou o sujeito¹⁵:

O que vimos com nossos olhos,
o que contemplamos,
e nossas mãos apalparam
da Palavra da vida
- porque a Vida manifestou-se:
nós vimos e damos testemunho
(1Jo 1-2)

A motivação mais importante da missão é, portanto, a motivação do amor. A proclamação de Jesus vem traduzida pelo testemunho de Jesus e, sobretudo, pelo seguimento de Jesus. Assim como para Je-

sus os atos foram de fundamental importância, também para a Igreja o mesmo procedimento vem exigido na tarefa evangelizadora. O desafio que se coloca é o de viver como ele, no meio dos pequenos e excluídos, dos próximos e vizinhos, daqueles que não partilham da mesma fé ou convicção. A meta e o horizonte da evangelização é o Reino de Deus, que transborda e dá sentido à missão eclesial. Proclamar o Reino é favorecer e promover a boa nova da justiça, da paz, da compaixão, do respeito e fraternidade entre os povos.

3. Desafios da evangelização no mundo plural

A intensificação da rede de comunicação neste tempo de globalização favorece não apenas um melhor conhecimento da diversidade religiosa, como também a consciência da relatividade histórica das religiões. Torna-se cada vez mais difícil aceitar sem resistência a pretensão de determinadas religiões arvorarem-se detentoras da plenitude da verdade. Há que reconhecer com certa perplexidade a permanência de alguns posicionamentos restritivos ainda presentes em certos documentos do magistério eclesial católico-romano a propósito da diversidade religiosa, bem como em documentos de comissões teológicas ou de teólogos específicos. Com base na afirmação da unicidade de Jesus Cristo e da necessidade da Igreja, restringe-se de forma nítida a singularidade das outras tradições religiosas e sua potencialidade salvífica. O reconhecimento da "plenitude dos meios de salvação" fica reservado à Igreja

¹⁵ PONTIFÍCIO Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Diálogo e anúncio. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 83.

católico-romana, enquanto as outras religiões aparecem objetivamente como instâncias “gravemente deficitárias”, por não conseguirem estabelecer uma “relação autêntica e viva com Deus”.

Para exemplificar, podemos mencionar três passagens significativas a respeito. Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), de Paulo VI, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, assinala-se: “a nossa religião instaura efetivamente uma relação autêntica e viva com Deus, que as outras religiões não conseguem estabelecer, se bem que elas tenham, por assim dizer, os braços estendidos para o céu” (EN 53). Na carta encíclica de João Paulo II sobre a validade permanente do mandato missionário, *Redemptoris Missio* (1990), João Paulo II sinaliza que “o diálogo deve ser conduzido e realizado com a convicção de que a Igreja é o caminho normal de salvação e que só ela possui a plenitude dos meios de salvação” (RM 55). Mais recentemente, na declaração *Dominus Iesus* (2000), da Congregação para a Doutrina da Fé, retoma-se a visão mais tradicional: “Se é verdade que os adeptos das outras religiões podem receber a graça divina, também é verdade que objetivamente se encontram numa situação gravemente deficitária, se comparada com a daqueles que na Igreja têm a plenitude dos meios de salvação” (DI 22). Frases como estas encontram sua razão de ser no contexto da tradicional hermenêutica cristã, para a qual Jesus Cristo

constitui o “único mediador” entre Deus e os seres humanos (RM 5). Assim sendo, a missão evangelizadora explícita assume um lugar de destaque, exigindo a proclamação clara do nome e da doutrina de Jesus Cristo, e a afirmação da Igreja como necessária para a salvação. A centralidade da Igreja católico-romana vem igualmente acentuada no documento da Comissão Teológica Internacional, sobre o cristianismo e as religiões, publicado em 1997.¹⁶ Afirma-se que “somente na Igreja, que está em continuidade histórica com Jesus, pode-se viver plenamente seu mistério. Daí a necessidade iniludível do anúncio de Cristo por parte da Igreja”¹⁷.

Num tempo marcado pela dinâmica do pluralismo religioso e pelo desafio imprescindível do diálogo, determinados documentos emitidos pelo magistério eclesial acabam provocando perplexidade ou dúvidas com respeito às reais intenções de abertura anunciadas pela Igreja católica.¹⁸ A presença intrigante de uma “dupla linguagem” foi apontada com propriedade pelo teólogo indiano Michael Amaladoss: “Por um lado, o Papa convida os líderes de outras religiões a se reunirem para orar pela paz. Por outro, o Vaticano tacha as outras religiões de objetivamente deficientes”¹⁹. Não há como manter sustentando na prática missionária um tipo de linguagem beligerante e agressiva com respeito às outras religiões, ou mesmo afirmando, ainda que com boa intenção, que as religiões são

¹⁶ COMISSÃO Teológica Internacional. O cristianismo e as religiões. São Paulo: Loyola, 1997.

¹⁷ Ibidem, p. 30 (n. 49c).

¹⁸ Michael AMALADOSS. Dificultades del dialogo con las religiones orientales. Iglesia Viva, n. 208, 2001, p. 1-2.

¹⁹ Michael AMALADOSS. Religiões: violência ou diálogo? Perspectiva Teológica, v. 34, n. 93, 2002, p. 189.

destinadas a encontrar o seu remate no cristianismo e na Igreja. Não se pode negar o lugar e o valor da convicção e da identidade na dinâmica evangelizadora, mas há que estar atento ao risco de querer impor aos outros a nossa própria convicção, ferindo radicalmente o espírito do diálogo e a integridade do interlocutor, enquanto portador de um mistério irreduzível. Como lembrou Paul Ricoeur, "há algo de potencialmente intolerante na convicção"²⁰. Infelizmente, ao longo dos séculos, Jesus Cristo foi muitas vezes invocado para justificar práticas de intolerância e violência. Há hoje um reconhecimento cada vez mais evidenciado de que uma tal conduta rompe radicalmente com o sentido libertador dos gestos e prática de Jesus²¹. O seguimento de Jesus provoca não a "violência da convicção", mas a "não violência do testemunho"²². Nesta perspectiva, a dinâmica evangelizadora ganha um novo significado, ou seja, o de anunciar e antecipar na história os valores essenciais do Reino de Deus. A Igreja apresenta-se como servidora do Reino de Deus, que envolve igualmente os membros de outras tradições religiosas, que dele participam mediante o exercício da fé e do amor²³. A missão evangelizadora ganha uma compreensão amplificada em sentido mais pluralista:

uma missiologia reinocêntrica. O compromisso em favor do anúncio de Jesus Cristo vem interpretado como "evento global", não circunscrito apenas à proclamação verbal de um complexo doutrinal, mas envolvendo o exercício de comunicação de uma pessoa que é mistério que dá vida. Ganha aqui centralidade o estilo de vida de Jesus, o seu ideal, o sentido de sua existência, os valores que marcaram o seu projeto de vida voltado para o Reino de Deus. É dando testemunho dos valores do Reino com o seu ser e agir que a Igreja traduz fidelidade ao seguimento de Jesus e consegue confirmar sua credibilidade no tempo atual.

Um fundamental desafio para o nosso tempo de globalização, apontado por Johan Baptista Metz, relaciona-se à "ecumene da compaixão"²⁴. O problema do sofrimento, enquanto realidade dolorosa, crescente e universal, emerge hoje como eixo estruturador e base para um novo entendimento entre as religiões da terra. O impulso de solidariedade e compaixão em favor dos pequenos e de denúncia contra as forças necrófilas da sociedade mundial torna-se um imperativo para as religiões. Isto significa para as Igrejas cristãs em particular o desafio de acionar a memória ativa e perigosa de Jesus de Nazaré, cujo olhar decisivo recaiu não sobre os pecados dos humanos, mas so-

²⁰ Paul RICOEUR. Em torno ao político. São Paulo: Loyola, 1995, p. 183 (Leituras 1).

²¹ Christian DUQUOC. Du dialogue inter-religieux. *Lumière & Vie*, n. 222, 1995, p. 72.

²² Paul RICOEUR. *Op.cit.*, p. 187.

²³ Os teólogos asiáticos reagem com razão a certa pretensão teológica de querer sempre enquadrar os participantes de outras tradições religiosas no "mistério da Igreja". Na realidade, a recepção da graça salvífica não acontece para eles apesar de sua religião, mas nos símbolos e rituais de sua própria tradição: "é através deles que encontram a Deus, e tal encontro não é infecundo": Michael AMALADOSS. *Insieme verso il Regno. Teologia asiatica emergente*. In: Rosino GIBELLINI (Ed.). *Prospettive teologiche per il XXI secolo*. Brescia: Queriniana, 2003, p. 156.

²⁴ Johann Baptist METZ. *Proposta di programma universale del cristianesimo nell'età della globalizzazione*. In: Rosino GIBELLINI (Ed.). *Prospettive teologiche...* *Op.cit.*, p. 389-402.

bre a dor dos outros, sobretudo dos excluídos. Para Jesus, o pecado mais doloroso relacionava-se ao "refuto da participação na dor dos outros", ou seja, à incapacidade de comoção das entranhas em favor de uma nova solidariedade. A dinâmica missionária e evangelizadora não pode deixar de se contagiar por este fundamental desafio de uma "ecumene da compaixão".

Uma tal perspectiva missiológica revela-se sintonizada e aberta aos desafios fundamentais do diálogo inter-religioso. A dinâmica reinocêntrica convoca a Igreja para o exercício permanente de humildade e abertura. Rompe-se o círculo do eclesiocentrismo e instaura-se uma nova disposição de escuta e abertura à interlocução da alteridade. As outras tradições religiosas são reconhecidas como co-participantes da viagem comum e fraterna em direção ao horizonte sempre maior do Reino como mistério. O Reino de Deus, enquanto destino misterioso da criação e do humano, suscita uma sensibilidade nova ao mundo da alteridade. Trata-se de uma abertura que não é fácil, mas que é reveladora de dimensões inusitadas e fundamentais para o crescimento da identidade. A experiência da alteridade provoca "alteração" no sujeito, desinstalando-o de uma segurança aparentemente firme, mas

frágil por ser irreal. Não há caminho possível de encontro verdadeiro com a identidade no mundo plural senão pela "desvio" da alteridade. Como assinala Carlos Palácio, "só quando somos capazes de estamos diante do 'outro' como diante de um mistério irreduzível a nós mesmos podemos ter certeza de 'ver' e 'escutar' em verdade e em profundidade"²⁵.

O projeto missionário, quando realmente imbuído pelo espírito do diálogo, ganha um novo sentido e uma nova perspectiva. O missionário deixa de ser o exclusivo portador de uma palavra e depositário de uma verdade que lhe é particular, tornando-se mais humilde e receptivo à dinâmica da alteridade. A percepção e construção de sua identidade passam agora pela irrigação da interlocução dos outros e de suas verdades. O diálogo aparece, assim, não apenas como uma exigência de promover e respeitar a liberdade do interlocutor (DM 18), mas sobretudo como uma "exigência de respeito aos caminhos misteriosos de Deus no coração do homem"²⁶.

Faustino Teixeira – Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana

Endereço do autor:

Rua Antônio Carlos Pereira, 328

36071-120 – Juiz de Fora – MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Quais são os principais traços da sociedade contemporânea que desafiam a missão evangelizadora na ótica do diálogo inter-religioso?
- 2- Que atitudes devem ser cultivadas pelo evangelizador em vista do desafio contemporâneo do diálogo inter-religioso?
- 3- No seu contexto de vida e missão, que atitudes favorecem o diálogo inter-religioso e quais o dificultam?

²⁵ Carlos PALÁCIO. Para uma pedagogia do diálogo. *Perspectiva Teológica*, v. 35, 2003, p. 371-372.

²⁶ Claude GEFFRÉ. *Croire et interpréter*. Op.cit., p. 127.

Caridade evangélica e solidariedade mundial

FREI CARLOS JOSAPHAT OP

Para boa parte da opinião pública e, sem dúvida, para os religiosos, foi um suave toque de despertar a mensagem da Caridade, do puro e perfeito amor, ressoando na Igreja pela palavra do novo Papa. Tanto mais que se mostra em sintonia com outro sinal de esperança, que vem a ser as ondas crescentes e confluentes da solidariedade universal, que em toda a parte da terra resplandece por contraste, indo ao encontro das grandes calamidades. Merece reflexão a feliz oportunidade que assim se abracem a caridade, dom e virtude primordiais do Evangelho, e o supremo valor ético, a que tende a humanidade em sua história, a solidariedade entre todos os povos.

A sempre nova doutrina da caridade, realçando a totalidade, a harmonia e a excelência do Amor como a florir hoje entre os mil amores fragmentados, surpreendeu, ao ser proclamada com firmeza, mas com suavidade e fineza por Bento XVI, em sua primeira encíclica, datada do "Natal do Senhor de 2005, primeiro ano do pontificado."

Solidariedade, estratégia do amor

Sobre o mundo tecnicamente tão bem globalizado e humanamente tão desconstruído, é que a solidariedade vai se projetando mais e mais no horizonte, apontando um amanhecer de esperança e de paz. Entre medíocres egoísmos, crimes quali-

ficados, embora quase sempre bem escamoteados pelos poderosos do Império tecnológico, que bom ver movimentos de generosidade que, diante das misérias do dia a dia e mais ainda em meio a catástrofes, se mobilizam e se organizam. O novo milênio oscilante vai sendo assim reanimado no gosto de viver, senão pela presença, ao menos por promessas de harmonia e felicidade.

Relegada e até recalcada, nas épocas de otimismo fabricado, a solidariedade dá sinais de buscar uma estratégia capaz de mundializar aquela linda história evangélica do Samaritano. Este marginalizado lá em Jerusalém semeia gestos de bondade entre espinheiros e violências assassinas da estrada de Jericó. Que pelo jogo da livre concorrência, pela privatização com pedágios lucrativos se melhorem as rodovias e seu sistema de segurança, são simples dados facilmente verificáveis. Já é mais difícil multiplicar os bons samaritanos, despertar em toda milícia crescente de pilotos sentimentos de generosidade e interesse humano pelas vítimas da pressa e da incúria generalizadas.

Agora, pensar em fazer do sistema de comunicação e mesmo de todo o feixe de sistemas sociais, um conjunto racional e eficaz de promoção da igualdade para todos, não seria uma dessas utopias herdadas dos velhos tempos, ou sonhadas fora do tempo e do espaço? A solidariedade não teria seu campo reduzido às

relações diretas e curtas entre as pessoas? Seria esta a palavra final: o individualismo tomou conta da ética como de tudo o mais que é humano?

Demos uns descontos, matizando a abordagem dessa questão complexa. Sem dúvida, em seu jeito de informar, sem rumo, sem sentido, sem alma, a grande mídia do grande capital mais se deleita em mostrar as imensas catástrofes, como tudo o que é curioso e, mais ainda sensacional.. Mas, nem que seja a contragosto, a imprensa acaba apontando as ondas de solidariedade em regiões até agora pouco visitadas pelas objetivas e só exibidas nas telas, se e como o mandava o turismo soberano.

Pois não é que jornalistas de vanguarda aprendem com os cientistas mais responsáveis e chegam mesmo a sugerir que o Planeta dá mostras de andar ressentido de tanta poluição e de tanto entulho que a tecnologia, tão louca quanto eficaz, vem acumulando no solo, nas águas, nos céus, na atmosfera e na estratosfera. O próprio utilitarismo dominante já não estaria acenando para a urgência de uma ética construtiva da partilha, da ajuda, da solidariedade?

A quem aposta nas esperanças e nos valores do Evangelho convém olhar com confiança e lucidez para o lado do bem, dando mais atenção para o trigo do que para o joio. Pede mais esforço, mas paga a pena seguir os caminhos que a solidariedade tenta descobrir ou rasgar, pela força do amor. Ela vai passando por cima das ilusões, decepções e desencantos do imperialismo concentrador de riquezas e poder, manipulador de sonhos e ideologias.

O único necessário:

o Amor gratuito

É o segundo pólo luminoso que norteia a nossa reflexão.

“Deus é Caridade. Quem permanece na Caridade permanece em Deus, e Deus permanece nele”.

No atropelo de tanta idolatria, extasiada diante do dinheiro, do corpo, do prazer, do mando e do prestígio, e em meio a toda uma luxuriante floração de religiões, interesseiras consumistas do sagrado, que bela e agradável surpresa esta palavra sobre o essencial, o Evangelho do Amor, gritado para iluminar os caminhos da Igreja e da humanidade. Sem se deter na consideração dos estragos e desvios do utilitarismo individual e corporativo, ambigualmente globalizado, o novo Papa dirige aos fiéis sua primeira encíclica para falar do Amor, enaltecendo o puro e perfeito Amor Caridade.

Que bom. Deixando talvez para outras oportunidades explorar todo esse matagal de consumismo e erotismo, que é a civilização conduzida pela idolatria capitalista, Bento XVI optou por falar do valor dos valores, da gratuidade salvadora do Amor. Quer ir e nos quer conduzir à raiz de todo bem e de toda felicidade, lembrar à Igreja que antes de tudo é preciso crer no Amor Primeiro e Universal.

Rompendo com uma praxe inaugurada por João XXIII, a encíclica deixa de se endereçar a toda a humanidade, mas fala diretamente aos fiéis católicos, em uma nítida visão cristocêntrica e eclesiocêntrica. Prefere ater-se ao objetivo mais urgente, chamar a atenção ou uma maior atenção da Igreja à sua missão de ser o sacramento do Amor, da reconciliação, amostra divina

do bem querer e do bem fazer para a humanidade inteira.

O Papa não hesita em reconhecer que a Igreja em seu conjunto tardou em ampliar seu olhar e fazer a junção indispensável da caridade e da justiça (Nº 27). Por outro lado, ele mesmo dá mostra de certo receio de que se busque justiça sem se apoiar e inspirar no amor.

Chega mesmo a deixar transparecer uma reflexão menos precisa senão um tanto ambígua, por duas vezes ligando o projeto de "mudar o mundo" a correntes ou influências "ideológicas" (cf. Nº 31b e 33). Há um risco de exploração, esta sim ideológica, de semelhantes dizeres, confiscando-os com o astucioso intento de salvar o que o Vaticano II condenou como o "individualismo ético" (*Gaudium et Spes*, Nº 30), a aceitação das injustiças institucionais por parte dos que se têm por bons corações, porém não se fazem de rogados monopolizando tranqüilamente para si os bens e privilégios sociais.

Sem dúvida, toda a inspiração e a orientação geral desta encíclica, que vem em boa hora, é despertar os fiéis para o valor supremo e a urgência urgentíssima do Amor evangélico, da Caridade que anima a Igreja e a impele a ajudar o mundo a se construir na justiça e na fraternidade universal.

Vida religiosa, Deus no coração, no outro e no social¹

Para merecer o belo qualificativo evangélico de "filhos da luz" e mesmo de "luz do mundo", e para estarem à altura de di-

alogar com a humanidade em marcha, as religiosas e os religiosos têm que se dispor a dar a maior atenção às novas formas emergentes de solidariedade que se buscam tateando no lusco-fusco de rivalidades e concorrências. Não de ter a inteligência e a agilidade de ver como vão surgindo quais exigências da consciência moderna ou pelo menos nelas discernindo as primeiras indicações para sair do inferno do egocentrismo, erguido em sistema tecnicamente bem organizado.

Mas aqui bate o ponto. E bate machucando, mostrando senão falhas no campo da vida consagrada, pelo menos novos espaços a preencher com urgência. Nossas comunidades, nossos fundadores e fundadoras se mostraram luminosa e jeitosamente carismáticos, interpretando e por vezes antecipando as aspirações e os anseios de seu tempo. Assim, inventaram novas obras, novas formas de suprir a falta ou as insuficiências no ensino, na assistência aos enfermos e na ajuda aos pobres de seu tempo.

Seja qual for a atualidade dessas instituições, nosso carisma não está tanto em copiar o passado, mas a nele nos inspirar, reconhecendo hoje que o mundo deu e está dando imensos passos para frente em termos de solidariedade. Sem dúvida, ela cresce e aparece, sem alarde e ostentação, bem mais em profundidade, à semelhança das sementes germinando na terra e dos sonhos apenas cantarolando baixinho no íntimo dos corações.

O apego à tradição, especialmente nos quadros e dentro de certa mentalidade mais

¹ O subtítulo evoca um livro em que o tema é tratado sob o ângulo histórico: "Las Casas, Deus no outro, no social e na luta". Pequena síntese espiritual que publicamos na Paulus, neste ano de 2006.

conservadora, deslizou e desliza com frequência em modelos de uma ética e de uma espiritualidade estreitamente individualistas. Estas se gastam e desgastam em práticas repetitivas de pequenos gestos mais ou menos convencionais de bondade, dentro dos quatro muros de piedosos internatos. Persistem na quase insensibilidade ou em uma incerteza paralisante, quando dão com as grandes questões, os grandes sofrimentos, as incertezas e angustias, ao que tudo indica, em crescimento e expansão na humanidade, que utiliza a técnica e é por ela manipulada. O termo stress só tem cinquenta anos, mas parece bem instalado para atenazar mais e mais gente ao entrar pelo terceiro milênio.

A ruptura com o pertinaz e manhoso individualismo ético e espiritual vai conduzindo hoje felizmente a uma afirmação de esperança e coragem que anima a renovação ou a refundação da vida religiosa. Haja audácia e muita energia, pois na verdade essa ruptura surge como um feixe de atitudes, marcando uma reviravolta total nas formas do pensamento, do sentimento, da cultura, e, sobretudo, da mentalidade, dos hábitos e das rotinas, sempre persistentes e jamais criticados.

Assim se prolongam uns tantos tipos de inércia ou acomodação que condenam a vida religiosa a se instalar em uma mediocridade, por vezes até respeitável, mas deveras esterilizante. Ainda bem que vem sendo objeto de atenção, de exames de consciência e de revisão, pelos menos nas alas mais tocadas pelo carisma refundador, que se vai irradiando do novo Pentecostes conciliar.

A primeira dessas revisões críticas e salutaras se pode ilustrar pela própria atitu-

de simples e audaciosa de Bento XVI em sua já citada encíclica. Ele declara com toda sinceridade e singeleza que a Igreja (oficial) só entrou na questão social, após hesitação e buscando caminhos, tendo contado com a preparação de umas figuras proféticas e prosseguindo sua marcha de maneira progressiva, senão lenta (Encíclica, citada, N° 27).

Coragem da Verdade

É que tudo começa pela coragem da verdade. Olhemos para a espiritualidade cristã, para aquilo que a Igreja tem de melhor. Admiremos todas essas imensas equipes que se estendem no tempo e no espaço, essa multidão de comunidades e pessoas consagradas à perfeição do amor, à busca do puro amor gratuito, à união contemplativa e transformadora com o Deus que é Caridade. A atitude de verdade que nos leva à admiração nos impele, ou há de impelir à apreciação leal, ao discernimento crítico e criativo.

À semelhança da oportuna e humilde confissão do Papa sobre a Igreja, como não constatar, ao lado de uma imensa generosidade, muito atraso das diferentes famílias religiosas no que toca o sentido social, a análise e a compreensão das grandes questões humanas, dos verdadeiros problemas de justiça e solidariedade, no decorrer da história, dentro dos vários contextos políticos, econômicos e culturais?

Na revisão que caracteriza a refundação religiosa hoje, destaca-se essa reviviscência dos diferentes carismas. Eles se vão abrindo com inteligência, humildade e audácia, a este ponto crucial, porque central, essencial, urgente, que vem a ser a tomada de consciência da dimen-

são social e histórica da ética humana, especialmente sob a inspiração profética e evangélica que há de animar a busca da perfeição. Não é fácil. Não se chega a corrigir de pronto ou de imediato os longos desvios, os velhos equívocos generalizados. Assim uma incompreensão enraizada e espalhada através de gerações mantém uma perniciosa confusão, identificando o valor absoluto da ética, dos seus princípios e valores, com o apego a certos modelos de comportamento, a certas práticas "piedosas" ou "virtuosas", que sempre exigem adaptação e mudança. Pois elas só têm sentido e valor na medida em que aplicam judiciosamente os princípios e valores éticos às exigências de contextos históricos, de si grandemente variados e mutáveis.

Os adversários ou os maus discípulos de Jesus não tinham dúvida sobre o primado do amor e da necessidade de querer bem ao próximo. O problema deles, o problema da Igreja e da vida religiosa em todos os tempos e lugares é este: "Quem é o meu próximo" aqui e agora? O próximo, com seu rosto marcado, quase sempre enfeado pelas manchas e rugas da discriminação, oculta a Face adorável, que ele é chamado a revelar. A grande, sublime e humilde tarefa da Caridade está em descobrir e reconhecer o próximo, o outro, bem agora, neste contexto, sem ceder à tendência repetitiva de multiplicar os gestos de bondade válidos e oportunos ontem e anteontem, mas que pouco ou nada ajudam hoje, no sufoco do imperialismo nascido e gerador de egocentrismo.

Reconhecendo que a caridade só será verdadeira sendo criativa, a vida religiosa

irá, está indo ao encontro da solidariedade, em suas formas, em seus modelos de dinamismo e de organização para enfrentar os atuais sistemas de opressão, de desigualdade e discriminação, no empenho de uma generosidade lúcida e eficaz. Sem dúvida, uma primeira tarefa se impõe por um primado de urgência. Não se pode deixar tanta gente injustiçada, sem o necessário, sem gosto e sem sentido de viver. A vida religiosa assume esse primeiro elã da caridade evangélica enfrentando as misérias do mundo de hoje. Mas a caridade e a vida consagrada, que ela anima e desperta, são atentas e como que picadas por outro desafio: como ir às causas das misérias, como retificar os sistemas opressores ou encontrar-lhes alternativas humanas, benquistas porque benfazejas?

Universalizando-se, multiplicando comunidades em toda parte, a caridade inspirará o processo de uma ética mundial, será a fonte de uma energia para mudar a sociedade. Vimos que Bento XVI nos acautela contra a pretensão de mudar a sociedade, apontando nessa linguagem um desvio ideológico. A ideologia esconde interesses individuais e corporativos sob a roupagem dos valores éticos pessoais e sociais.

Neste caso, sem dúvida o risco enorme de que o Papa nos quer premunir vem a ser o perigo de sermos manipulados por quem faz de conta que quer mudar o jogo, mas só intenta virá-lo em proveito próprio. Será preciso e urgente mudar a realidade e a qualidade da vida social, quando a discriminação e a exclusão se aninharam nas próprias instituições. Mas, então, será preciso fazê-lo apelando para o princípio da necessária mudança radical,

da "conversão", para a opção pelo Amor desinteressado, gratuito, inspirador do desapego e do dom de si. Este Amor Caridade impele a que trabalhemos em criar um novo céu e uma nova terra, apostando nossa vida na justiça, na fraternidade, na paz. É o elã que faz marchar o povo da aliança e da promessa.

Solidariedade mundial e desafio dos monstros frios

Para que religiosas e religiosos vivam hoje grande e profundamente a realidade da caridade em sua eficácia e sua universalidade, hão de estar atentos às formas e aos modelos concretos assumidos pelas aspirações à solidariedade no mundo hoje. Terão que se abrir ao conjunto muitíssimo variado dos movimentos de protestos, de reivindicação, de luta, contra as violações dos direitos humanos e contra as depredações do nosso planeta Terra.

Essa solidariedade se manifestando em todos os recantos, sobretudo nos mais sofridos e mal tratados, tem algo de um sinal de Deus, de uma promessa de viabilizar a revelação, não ensinando noções vagas de coisas sagradas e seres divinos, mas fazendo tocar a presença do Deus vivo e verdadeiro. No plano profano e no âmbito secular, para o conjunto dos homens e das mulheres, a aspiração à solidariedade, os gestos e os passos rumo à fraternidade efetiva de gentes e povos diferentes, vêm a ser o apelo e como que uma antecipação vivida implicitamente, daquela maravilhosa e ainda escondida Caridade. Pois ela é o Amor puro e perfeito que só é pro-

curado porque já está presente, escondido no centro de nós.

Semelhante inspiração teológica aguça nosso olhar para analisar e decifrar as ondas crescentes e convergentes da solidariedade que aí vêm surgindo por toda parte, qual resposta generosa ao acúmulo de calamidades, de misérias e maldades, produto ou subproduto dos sistemas concentracionários de riqueza e de poder.

Hoje, parece que se chega a um consenso sobre a profunda observação de Michel Foucault: o mundo, todos e cada um dos países, não são dominados por um poder único, monolítico, mas por um feixe de poderes ou de forças que pesam nas decisões e as orientam, em geral sob a preponderância ostensiva ou discreta de um desses poderes dominadores.²

Por outro lado, destacam-se alguns poderes ocupando espaços bem determinados na sociedade, assumindo formas de organização racional e tecnicamente muito eficazes, visando realizar certas funções que respondem às necessidades e aos desejos dos indivíduos, das famílias, dos diferentes grupos e camadas da sociedade.

Assim, a sociedade moderna se constitui em redes de sistemas, tanto mais eficientes e dinâmicos, quanto mais desenvolvida é a sociedade no seu conjunto. Os sistemas político, econômico, jurídico, comunicacional, cultural, educacional, policial, - para citar os mais importantes - ao mesmo tempo se organizam internamente em redes de sistemas menores, entrelaçados, e se enfeixam formando o grande sistema que é a sociedade de hoje.

² O tema vem condensado por Michel FOUCAULT, "Soberania e disciplina", Curso de 1976 na Sorbona, retomado em *Microfísica do Poder*, Graal, 2005, particularmente p. 183s.

A classe de pessoas, o gênero de atividades, a categoria de interesses que não se integram nesses sistemas estão estruturalmente excluídos e socialmente discriminados, não por decisão caprichosa de alguém, mas pela força anônima da instituição e do funcionamento do todo social. Não há alguns indivíduos ou grupos maldosos que se reuniram para decretar que houvesse "meninos de ruas", por exemplo. Eles estão aí porque não há lugar para eles "nas hospedarias da cidade" – a expressão se lê nas festas de natal, cuja celebração, aliás, é grandemente enfatizada pelo sistema econômico.

Mas os garotos da rua não têm lugar para eles, porque são excluídos pelos sistemas familiares, educacionais, econômicos, culturais. Sem culpa de ninguém? A resposta maciça e que dá imenso trabalho para se deslindar é esta, de uma dureza de não se agüentar: para não falar de culpa, é com a responsabilidade e pela responsabilidade de todos na sociedade, proporcionalmente ao poder e à atitude que têm ou pelo menos deveriam ter e exercer nos diferentes setores dos diversos sistemas.

Na verdade, esses dados vêm aqui evocados, não para fazer uma pequena homília sobre o "pecado social" na linha da indispensável teologia da libertação. O que se visa é situar o verdadeiro problema da solidariedade social tal como vem surgindo, se organizando, se mobilizando no mundo inteiro. Pois não é que ela chega a merecer alguma atenção da grande mídia – o sistema dominante da comunicação – desde que partiu para se afirmar mundialmente nos simpósios, nos fóruns sociais?

O despontar da solidariedade mundial

se afirma como uma espécie de emergência da consciência ética na humanidade, à semelhança da que se manifestou na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948. Até leva certa vantagem, porque é mais ampla, mais espontânea, mais compartilhada, tendendo mesmo a se associar de maneira leve, mas operacional. A humanidade, de tão sofrida e machucada, está saindo da inércia, da insensibilidade moral, aliás mantida e nutrida pelo sistema dominador, na medida em que ele é animado pela grande motivação utilitária, pela ambição econômica do lucro, da concorrência e da concentração de riqueza e de poder de mercado.

Despertando à realidade, à verdade do que é o Império resultando da dominação dos sistemas, a solidariedade vem acordando consciências e reflexões éticas em torno da questão crucial e urgente: que fazer diante deste imenso monstro frio, uma vez que o grande sistema total e a rede dos sistemas parciais não têm alma, nem coração nem qualquer tipo de sensibilidade. São grandes organismos, ou melhor, grandes máquinas, movidos com admirável inteligência (artificial). São dotados de uma racionalidade, funcional, instrumental, tecnológica, muitíssimo capaz de produzir mercadorias, de multiplicar serviços, de ir ao encontro dos consumidores. E não apenas os contenta e lisonjeia. Aumenta-lhes jeitosa e artificialmente o apetite e o desejo de consumir.

Como viabilizar a solidariedade hoje

A grande esperança invade e ilumina o campo da sociedade, desde que a solidari-

idade enfrenta a asfixia e a rudeza dos sistemas. Busca e ajuda a encontrar brechas para penetrar nas redes desses vários e complexos sistemas. Tenta abrir, se preciso rasgar espaços para inserir no mundo tecnológico formas concretas de acolhida e respeito do outro, bem como modelos apropriados de justiça, de responsabilidade, de promoção de todos os direitos para todos.

A verdade, a primeira evidência que a razão descortina e que a experiência confirma no dia a dia é que o sistema tem uma consistência, uma solidez inabalável para quem se aventura a contestá-lo e combatê-lo de fora. Ele nada tem de improvisado e alinhavado, é uma organização fortemente racional, apoiada na ciência e na técnica. Mostra-se senhor da ação no presente, dotado de capacidade prospectiva para enfrentar o futuro, para detectar obstáculos e adversários. O sistema de comunicação, por exemplo, a (grande) mídia é dona do seu pedaço. Sabe cumprir a contento a função de informar e de divertir a população, nela encontrando o seu apoio, pois essa população nem imagina uma alternativa para a mídia que aí está.

Em suas diferentes iniciativas e especialmente por seus movimentos, mais bem pensados e arquitetados, a solidariedade se desdobra no mundo espalhando a questão primordial: Como exercer uma influência transformadora no seio do império dominador e desmobilizador, como levar em frente a revolução, indo dos atuais espaços de liberdade para uma liberdade mais ampla, da paz e na paz de que dispomos marchando para a paz universal e perfeita.

Pedras, e muitas, no meio do caminho

Nesta bela caminhada da solidariedade e rumo à solidariedade, surgem pedras sem conta e verdadeiros matagais de obstáculos, vindos dos sistemas bem prevenidos e equipados para desarmar e desacreditar seus potenciais adversários.

Daí o risco, de uma luta errada pela boa causa. Uma atitude aparentemente grandiosa é semear ódio e ressentimento, partir para o denunciamento tendencioso, reavivando e enlouquecendo hoje os velhos processos de inquisição e de queima de bruxas. Não tem sentido agir do exterior, menos ainda buscar destruir para depois reconstruir. Mesmo sob pretexto de combater o terrorismo, a guerra de agressão é sempre um crime contra humanidade, hoje, em nossa época de requinte tecnológico, cresce em monstruosidade que a camuflagem ideológica vem ainda agravar.

Convém pôr a nu também certas medidas, a que se recorre para tornar menos agudas as pontas e as lâminas do sistema opressor. Assim, sob o nome e a pretensão de defender os direitos ou lutar pela justiça, nos sindicatos, nas associações, nas categorias sociais, se generalizam cada vez mais as reivindicações apenas dos próprios interesses individuais ou corporativos. Mesmo que esses interesses sejam legítimos e, portanto, verdadeiros direitos de cada um, o que se procura é um lugar ao sol, é incluir-se como beneficiário do sistema, o que é justo e compreensível. Mas, não é toda a justiça. Esta exige que se vá ao encontro dos excluídos, se busque alargar e retificar o sistema social, econô-

mico, cultural. A mais ardilosa e pernicioso discriminação está em dissociar ou fragmentar os direitos, fazendo-os prerrogativas de uns tantos privilegiados. Em geral, os poderosos não ostentam programas de opressão e de injustiças. Eles apenas confiscam a justiça para si.

Afinando um pouco mais nossa análise, poderíamos destacar certas instituições que visam precisamente defender os interesses particulares legítimos, dentro de um sistema jurídico eficaz, pelo menos a serviço de quem a ele pode recorrer. Tal é a boa tarefa que vem realizando entre nós o Procon. De um lado, ajuda na defesa da população contra prejuízos e injustiças por parte dos mais ricos e mais fortes. Por outro lado, pode contar com as boas graças do sistema estabelecido, que assim se fortalece ganhando em credibilidade e estima.

Na perspectiva da luta pela justiça e da busca da solidariedade aberta à inclusão de todos, semelhante forma de defesa do consumidor deve, sem dúvida, ser apoiada e consolidada, mas completada e alargada pela constituição de associações de defesa do consumidor em toda sua amplitude. Essa defesa não se há de instalar na busca de uma melhora do sistema em benefício de alguns, mas se tornar crítica e criativa dentro do sistema de mercado e de concorrência, tentando abri-lo à elevação de rendas e à participação ativa e efetiva de todos nos benefícios e na orientação da própria economia.

Convém pôr em relevo uma forma atual e poderosa de influenciar o sistema, mas certamente em benefício de interesses particulares e em detrimento do

bem geral. Trata-se de um produto importado, porém muito bem privatizado por uma multidão de entidades, rebatizado como o lobismo.

Praticado inicialmente na Inglaterra, o lobby, o indivíduo ou o grupo que se infiltra na "sala de espera", ou melhor, nos bastidores dos diferentes poderes, para incliná-los a atender a interesses particulares, entre nós cresceu e virou um lobismo sabido e tecnicamente bem organizado.

Se era ou é um tanto compensado nos países com maior igualdade econômica, cultural e social, o lobismo se tornou uma praga nos países marcados pela desigualdade, condenados pela falta de governabilidade, incapazes de se preservar ou defender da corrupção grandiosa. Então, o poder público é minado e distorcido pelo verdadeiro poder das empresas e dos donos da economia, bem servidos por um lobismo generalizado e muitíssimo eficaz.

Temos aí um exemplo das grandes forças infiltradas nos sistemas injustos e opressores e que se tornam fortes obstáculos ao trabalho transformador da solidariedade no plano nacional e internacional.

Promessas e práticas da solidariedade mundial hoje

Em seu discernimento evangélico, religiosas e religiosos podem assim vislumbrar a lenta e penosa marcha da solidariedade no mundo, detectando os obstáculos, as dificuldades vindas dos adversários externos e aquelas que são inerentes a esse elevado projeto de perfeição ética e espiritual.

Sob a inspiração da caridade e do conjunto de virtudes que ela exige e suscita,

- que se pense na justiça social, na prudência em sua dimensão política - convém aprofundar os caminhos e meios já em andamento.

Um esclarecimento importante se impõe como preliminar indispensável. Sem dar ao termo sistema qualquer conotação pejorativa, é preciso bem distinguir a dupla dimensão, técnica e ética, dos sistemas que estruturam hoje a sociedade moderna e tecnológica. A perfeição e a eficácia nestes dois domínios - o ético e o técnico - se distinguem, podendo coincidir ou se dissociar, chegando mesmo a se opor no jogo da vida social. Os sistemas sociais hoje, o sistema econômico e o comunicacional, a mídia, muito especialmente, tendem ao máximo aprimoramento técnico, buscando desenvolver e conjugar todos os recursos para obter os seus objetivos com segurança e mesmo otimizando constantemente os resultados. Ao contrário desviam-se dos princípios e padrões éticos na medida em que os objetivos por eles visados não são mais do que a procura das vantagens financeiras, o lucro e a dominação crescente do mercado.

A partir do conhecimento dos processos, dos recursos e expedientes técnicos que fazem a força desses sistemas, bem como dos seus desvios permanentes e da sua ação manipuladora, é que surgem as iniciativas e os movimentos de promoção da solidariedade mundial. Muitas das comunidades de base, hoje equipadas com as técnicas informáticas, vão entrando dentro dessa nova forma de tentar se opor aos desmandos dos chamados monstros frios e de buscar-lhes modelos alternativos, justos e solidários, especi-

almente no campo da comunicação.

Um lugar à parte, de muito destaque e da maior estima, merecem as Ongs. Por seu nome mesmo de Organizações não governamentais, elas bem mostram que não vêm aí para concorrer com o Estado, com o poder público, menos ainda para tentar tomar-lhe o lugar próprio e insubstituível de assegurar o bem comum. Também não visam agir à socapa, na clandestinidade dos bastidores dos três poderes. Têm por objetivo os valores e os direitos humanos, democráticos, a defender e a promover por meios e caminhos democráticos, de prática da liberdade, da responsabilidade, da constante legalidade.

Ongs crescem, se expandem, se organizam, agem e se manifestam mediante os fóruns sociais, por exemplo, se afirmando e confirmando como a grande esperança a serviço da solidariedade mundial efetiva. Algumas famílias religiosas vão descobrindo e freqüentando esse bom caminho de lutar pela justiça, pela solidariedade e pela paz. Será indispensável que as instituições eclesásticas se preservem das práticas (mesmo discretas) de qualquer tipo de lobismo junto aos poderes públicos e abracem as difíceis veredas democráticas das Ongs, agindo às claras, de peito aberto, como discípulos daquele que proclamou: "Eu sou a Verdade".

Uma outra modalidade de construção dos caminhos e mesmo de instituições de solidariedade vem a ser o cooperativismo, um dos meios mais eficazes para deter a dominação ostensiva ou insidiosa das entidades transnacionais e transcontinentais. As cooperativas e as comunidades de

trabalho³ são as mais valiosas entre as formas alternativas eficientes para contrabalançar em um primeiro momento e para se buscar em seguida caminhos alternativos na atual economia dominada pelos oligopólios e monopólios, que tolhem os espaços à democracia econômica. Estes exercem, aliás, uma influência nada positiva sobre o encaminhamento e a solução dos graves problemas do emprego e do desemprego, de condições humanas do trabalho e de sua justa remuneração.

Uma grande e diríamos providencial reviravolta nas técnicas de comunicação, a qual parece ter pego de surpresa os antigos donos da mídia, pois essas técnicas se tornaram mais leves e menos dispendiosas. Ofereceram assim grandes possibilidades de democratização da telemática pelos vários recursos da Internet e do Correio Eletrônico, os quais se desenvolvem rápida e prodigiosamente. Como era de se esperar, a evolução e os progressos da tecnologia dão lugar a abusos da parte de um consumismo desabusado e de uma comercialização exagerada. Mas essas disponibilidades e aberturas de caráter democrático oferecem oportunidades à busca de modelos alternativos, bem como fornecem meios eficazes de influenciar positivamente a grande mídia,

permitindo assim criticá-la e retificá-la.

É claro que todas essas possibilidades e tentativas de nuclear, de influenciar os sistemas grandemente distorcidos e por vezes opressores, que vêm a ser as redes da economia e da mídia, estão a exigir imensas e bem aprimoradas qualidades humanas bem como um riquíssimo cabedal de recursos e conhecimentos especializados, de formação e de competência profissional.

Ficam assim apenas esboçadas algumas iniciativas pelas quais se começa a realizar a feliz junção da Caridade e da solidariedade.

Não se pode impor prazo. Nem dá para reparar, em alguns anos, os estragos e desmandos de impérios que perduram através de milênios até cederem o lugar ao Reino de santidade, de justiça, de amor e de paz, como nos asseguram os Apocalipses de Daniel e de João.⁴ É preciso saber dar tempo ao tempo, contanto que a ele também se confiem as sementes a germinar e com ele se colabore para fazer desabrochar o prometido jardim da solidariedade.

Vida religiosa, amor gratuito, solidariedade militante

Nada disso é estranho à vida religiosa.

Pela pobreza evangélica, pelo dom de si feito ao Reino na entrega da capacidade de

³ Seria interessante notar que o grande defensor dos Direitos Humanos na época da colonização (espanhola), o dominicano Frei Bartolomeu de Las Casas (1484-1566) imaginou como primeiro modelo de justiça social na América o estabelecimento de Comunidades de Trabalho. Ver meu livro *Las Casas Todos os direitos para todos*, Loyola, 2000, p. 305-308. A Editora Paulus está publicando as Obras Completas de Las Casas. Neste ano, os Dominicanos estão estabelecendo sua *Escola Dominicana de Teologia*, no prédio reconstruído da UNILABOR, a comunidade de trabalho lançada por Frei João Batista dos Santos, a qual funcionou de 1954 a 1967.

⁴ Nas passagens propriamente proféticas e apocalípticas do livro de Daniel se desdobra toda a visão da história como uma sucessão de impérios dominadores, desumanos, de imperialismos representados por animais selvagens, os quais cederão o lugar finalmente ao Reino do Filho do Homem, Reino que por ele vem de Deus, para estabelecer o reinado dos santos, da justiça e da paz. Cf. Dn 2 e 7. O Apocalipse de João retoma, de maneira alusiva, mas bastante clara, esses dados essenciais da visão de Daniel. Ver Ap 19-21.

um trabalho eficiente e bem qualificado, pessoas e comunidades consagradas aí estão como a grande mão-de-obra gratuita, capaz de estabelecer as primícias antecipadas do puro amor e da solidariedade efetiva neste vasto, difícil e belo mundo de Deus.

Não hesitamos, pois, em destacar essa dupla dimensão ou duplo pólo de um mesmo despertar da consciência humana, do grande encontro na ascensão da montanha dos valores humanos rumo à transcendência divina, começando a ser compartilhada pelos povos apesar da persistência das forças da morte, da violência e da incompreensão.

A caridade revela a excelência e a perfeição do próprio Amor que é Deus e que pela encarnação de Deus invade nossa história. O êxito da grande aventura, de toda a história da humanidade, depende da presença desse amor gratuito e generoso transformando os homens e as mulheres em seu íntimo e na totalidade de seu ser.

O fracasso de todos os projetos, movimentos, partidos políticos e mesmo das tentativas de renovação na Igreja, na vida religiosa, se explicam por vários dados e condições dos contextos históricos ou culturais. Mas, no fundo, a raiz desse fracasso é a dominação esterilizante das ambições individuais, políticas, eclesiásticas, é a incapacidade de se dar, devida à carência do Amor. Só ele é a energia transformadora, animando a pura e total dedicação, fonte do verdadeiro êxito, que se obtém dificilmente, pois supõe qualidade humana da vida, do agir e da comunicação, pede o reconhecimento do outro e a aceitação efetiva do primado do bem comum.

É aqui que a caridade, cuja mensagem e cujo dom divino foram lembrados pelo

Papa, se encontra, em um abraço profundo e fecundo, com a solidariedade universal, que vislumbramos em ação, em luta pacífica, pela justiça e pela fraternidade em todos os recantos da terra.

A vida religiosa é o espaço privilegiado, todo preparado para favorecer esse encontro da divina perfeição da caridade e da totalidade humana, da universalidade mundial da solidariedade militante. Essa graça e essa oportunidade resplandecem hoje mais do que em qualquer outro momento da história. Precisamente porque hoje, para o bem e para o mal, a vida consagrada se vê envolvida, desafiada e estimulada pelo dinamismo histórico de múltiplas formas fragmentadas de amor, que constituem a grande ambigüidade da globalização tecnológica e econômica.

A Caridade encerra, portanto, em si o dinamismo do amor universal, assumindo novas formas e até suscitando as virtudes que viabilizem essa extensão de um amor real, efetivo, abraçando mesmo a quem não tem em si uma amabilidade correspondente. Essa fecundidade infinita da caridade é chamada a desabrochar na história, abrindo-se à estima e ao serviço de novas gentes, vendo e querendo como "próximos" os que estavam distantes pelos costumes, pela cultura. Mas essa bela história do amor é um triunfo da graça que conta com a acolhida lúcida e generosa dos fiéis e da Igreja de Cristo. Em época de cristandade fechada, intolerante, agressiva, a caridade padecia se vendo fechada em suas práticas dentro de um enclausuramento confessional. O descobrimento da América era o apelo à abertura, mas foi igualmente a triste ocasião de desconhecimento do outro pelos cristãos conquistadores.

Hoje, a plena universalização do encontro dos povos oferece à caridade da Igreja, especialmente dos religiosos e religiosas, a oportunidade maravilhosa de superar e ajudar a humanidade a superar a ambigüidade da globalização interesseira, técnica e econômica, para que floresça enfim toda a beleza da solidariedade mundial.

Sem dúvida, o mundo ainda se ressentente da universalidade colonial feita aos trancos e barrancos, mas tem sede de justiça, de fraternidade e de paz. Atiçando e divinizando esta sede, a Caridade anuncia a promessa estimulante de que há de surgir e está surgindo a solidariedade universal,

unindo corações e tecendo laços de uma comunhão efetiva entre os povos.

Não será mesmo o grande momento, a grande oportunidade, a hora da plena fecundidade para a vida religiosa?

Carlos Josaphat O.P. Teólogo dominicano, professor emérito da Universidade de Friburgo - Suíça, escritor, autor de *Moral, Amor & Humor - Igreja, sexo e sistema na roda viva da discussão*, Editora Record - Nova Era, Rio de Janeiro, 1997; *Fé, Esperança e Caridade, Encontrar Deus no centro da vida e da história*, Paulinas, 1998. Atualmente leciona na Escola Dominicana de Teologia em São Paulo.

Endereço do autor:

CONVENTO SAGRADA FAMÍLIA

Rua João de Santa Maria, 142

Jd. da Saúde 04158-070 São Paulo - SP

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Quais são, na sua percepção, os principais desafios do mundo atual para a solidariedade como estratégia do amor?
- 2- Como a Vida Religiosa está se situando no contexto das *novas formas de solidariedade* que estão surgindo na sociedade e na Igreja?
- 3- Que pode fazer a sua comunidade/província para ajudar a viabilizar a solidariedade na sociedade globalizada e fragmentada de hoje?

“A caridade revela a excelência e a perfeição do próprio Amor que é Deus e que pela encarnação de Deus invade nossa história.”

Espiritualidade – novas gerações, identidade e subjetividade¹

PRUDENTE NERY, OFMCAp

1. Preâmbulo

Parto da suposição de que o interesse deste instante é uma diagnose da espiritualidade das novas gerações de religiosos, religiosas e clérigos, no exato sentido etimológico desta palavra: não uma valoração judicativa, mas a produção de um melhor conhecimento desta espiritualidade. Ou como nos ensinava Spinoza: *não rir, não entristecer, não odiar, mas entender*².

O que podemos verificar, pois, neste momento não passa daquilo que Paul Ricoeur chamava de *paisagens percebidas de um trem em marcha*³. Não mais que isso. Mais do que certezas já analisadas, sentimos que estamos em meio de uma nova religiosidade, da qual não nos é possível ainda traçar o perfil, mas, se a tanto chega, apenas o vulto.

Além disso, não me parece possível refletir sobre este propósito desconhecendo a questão central de fundo, a saber: a situação atual da Igreja Católica, no interior da qual se localiza a Vida Religiosa

e, nela, as novas gerações, filhos e filhas da atual catolicidade, e mesmo a situação atual no Cristianismo, em nosso tempo e cultura. Embora, neste encontro, nosso interesse seja a espiritualidade das novas gerações, não podemos perder de vista este quadro maior.

Se circunscrevermos tais *novas gerações*, historicamente, até as fronteiras dos quarenta anos de idade, teremos religiosos, religiosas e clérigos, quase todos nascidos em torno ou depois do marco cultural de 1968 e do Concílio Vaticano II (1962 – 1965). Portanto, uma geração que não atravessou, consciente e existencialmente, nem a grande viragem cultural da modernidade para a pós-modernidade e, desta, para a contemporaneidade nem seu correlato religioso, corporificado por esse Concílio Ecumênico.

Isto não é sem relevância para nosso interesse presente: compreender, tanto quanto nos é possível no espaço de uma manhã, a ambiência epocal e cultural, o espírito em que nasce, cresce, vive e se forma esta nova geração.

¹ Este texto foi produzido, originalmente, como nota pessoal para uma fala, preâmbulo de um diálogo sobre este tema entre os psicólogos e psicólogas da Conferência do Religiosos do Brasil, na cidade de Belo Horizonte, em 14 de outubro de 2005. Em razão deste seu destino, a saber: de ser apenas o deslanche de um debate maior, este, sim, de importância, o presente texto, mantido aqui em dialeto oral e na sua formulação original, permite-se, aqui e ali, hipóteses e mesmo assertivas carentes de uma avaliação mais criteriosa.

² *Non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere...* – Tratado Político I/4 – Col. Pensadores, 17 – Abril – São Paulo, p. 314.

³ *Paysages aperçus d'un train en marche...*

O mais tardar, desde Karl Marx (1818 – 1883) e Sigmund Freud (1856 – 1958), nós sabemos o quanto somos não apenas o produto de nossos sonhos e bons propósitos, humanos ou religiosos, mas igualmente filhos e filhas de nossas circunstâncias epocais e históricas, pessoais e coletivas, nem sempre muito conscientes.

Eis, pois, a razão da necessidade de voltarmos nossa atenção, ainda que rapidamente, para tal ambiência, na qual se gestaram as novas gerações, na esperança de aí encontrarmos elementos que nos ajudem a compreender melhor as marcas, o jeito, o *proprium*, o espírito das novas gerações.

2. As viragens de uma época

Onde começa e termina a madrugada ou em que ponto, precisamente, termina a noite e começa o amanhecer? Talvez lá onde a claridade se espalha suficientemente para iluminar o horizonte? Um pergunta de difícil resposta, assemelhada à pergunta que quer saber quando, precisamente, se dá uma viragem epocal. Os estudiosos fincaram no ano de 1968 um marco referencial: aí teria rebentado e se derramado sobre as consciências algo que vinha sendo gestado no espírito humano há, pelo menos, três séculos.

2.1. A modernidade: a luz, o ímpeto, o ânimo...

Nos anos sessenta, chegava ao seu tramonte o mais ousado empreendimento

do espírito humano em todos os tempos, a *Aufklärung*⁴, segundo a qual é um direito e um dever do homem ousar saber (*sapere aude*), isto é, fazer uso irrestrito de sua racionalidade, na compreensão do mundo, na determinação do fazer humano e de seu destino⁵. O preceito formulado ainda timidamente, em 1637, por René Descartes (1596 – 1650) de que *nada deve ser recebido como verdadeiro se não for reconhecido por mim (pela razão) como tal*, ganha agora, a partir do século XVIII, o caráter de um tribunal.

Como um Prometeu, que, agora, sim, conseguiu roubar dos deuses o fogo, a pessoa humana começa a clarear e iluminar tudo. As profundezas ainda obscuras, as certezas milenarmente garantidas e imóveis, as crenças, os costumes, as suposições, os enigmas, tudo literalmente é submetido agora à racionalidade, que, criticamente, tudo analisa. Finalmente o homem e mulher têm em suas mãos o instrumental necessário para realizar o mandato de seu Deus: *Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a...*⁶

A razão, entretanto, mais e mais, se reduz a uma razão analítico-instrumental, em desfavor de outras formas possíveis de expressão. No domínio de um conhecimento da natureza cada vez mais sofisticado, o ser humano passa a se ver sobre todas as coisas, subordinando-as a seus interesses, instrumentalizando-as para seu uso.

Todos os outros possíveis modos de relação para com os outros seres determina-

⁴ *Aufklärung* = Aclaramento, Esclarecimento, Iluminismo.

⁵ Resposta à pergunta o que é a *Aufklärung*? – em: Kant (1724 – 1804), I. – Textos Seletos – p. 100 – Vozes – Petrópolis – RJ, 1985.

⁶ Gn 1,28.

dos, por exemplo, pela simpatia, pelo eros, pela ternura, pela convivialidade, pelo respeito, ou caem no esquecimento ou passam a ser difamados como comportamento romântico e uma espécie de estorvo ou entrave para uma abordagem objetiva da realidade.

Realmente, para a razão analítico-instrumental já não há mais homens e mulheres, mas apenas máquinas de produção. Já não há mais animais, mas apenas fábrica de carne, leite e pele. Já não há mais flores, mas apenas coisas que dão lucro para a voragem interminável do humano. É apenas natural que com tais olhos não consigamos ver mais nada senão objetos de posse, venda e troca. Num tal mundo já não existe nada senão apenas um complexo aparelho de relações funcionais.

2.2. A pós-modernidade:

o entardecer, a fadiga, a anima...

Bem cedo, os homens e mulheres começaram a perceber: a razão não pode ter a hegemonia e nem mesmo o primado na organização do mundo. Seria o extermínio do próprio ser humano. A razão, entregue a si mesma, não nos tornou mais humanos, mas começou a se voltar contra a própria humanidade. Foram-se os deuses, foram-se os anjos, foram-se as estrelas, enfileiraram-se para ir embora também os pássaros, os rios, as árvores e nós fomos ficando sós, tremendamente sós, num amontoado de pessoas humanas apenas. Foi a experiência de um cansaço antropológico.

Já em 1902, portanto bem antes do marco 1968, fazendo uma avaliação do seu já

longo pontificado, todo ele marcado pela modernidade, Leão XIII, homem de extraordinária sensibilidade cultural, escrevia aos fiéis católicos de todo o mundo: *Muito se confiou no progressivo incremento científico e, de fato, grandes e inesperados progressos maravilham o último século... O vôo da ciência descobriu, certamente, novos horizontes ao intelecto, alargou o domínio sobre a natureza física e melhorou a vida terrena. Não obstante isso, sente-se e confessa-se que os resultados obtidos estão muito aquém das esperanças alimentadas... Não se falando da miséria do povo, basta uma vista de olhos superficial para se verificar que uma tristeza indefinível pesa nas almas e um vácuo profundo se faz sentir nos corações. O homem endeusou a matéria, mas esta não lhe pode dar aquilo que não possui. Mas tudo nunca passava, aos olhos da Igreja, de perturbações temporárias, uma espécie de rebelião adolescencial da pessoa humana.*

E assim, nem bem a modernidade começava a se instalar sob o domínio do racional, da lógica, da antropocêntrica, dentro dos limites da imanência, começaram também as insatisfações, as críticas, os protestos contra o extermínio do aracional, do eros, da criatividade, do pessoal, da liberdade.

E nós vimos a interminável peregrinação de jovens ocidentais para a Índia, para o Nepal, enfim uma fuga compreensível para longe dos confinamentos do logos, da ordem, das ideologias universais, da pura objetividade, para perto da subjetividade, da pessoa, da criatividade, das raízes da vida.

⁷ *Es wakelt alles...*

Neste novo momento histórico, Ernst Troeltsch descreve o que então é o sentimento geral: *tudo balança*⁷:... As instituições, as doutrinas, as ideologias, as hierarquias sociais de todos os tipos, as filosofias totalizantes, a razão, os sistemas políticos totalitários, inclusive as instituições religiosas⁸.

Os valores, mais uma vez, se substituem: os absolutos cedem seu lugar aos relativos e ao convívio dos contrários, a sofisticação dá lugar à fruição do simples, o *eros* ocupa o lugar do *logos* (ocaso da metafísica), as diferenças substituem a uniformidade, o empírico cede seu posto ao espiritual.

Tais mutações não se retiveram às portas da religião do ocidente, nem de sua expressão mais organizada, a Igreja Católica. Também aqui o sagrado se desloca: dos espaços metafísicos para o mundo. Afinal, não é o Cristianismo a religião da encarnação? E não é Jesus Cristo, ele mesmo, o amor humanitário de Deus? Assim, os curas d'almas transformam-se quase em vanguarda de um humanismo secular. A teologia passa a se ocupar não mais tanto com os céus, mas com a terra e com os homens e as mulheres, numa visão inebriantemente bela. E fomos à luta. Muitos foram à luta, com paixão e destemor.

E aí, algo mais uma vez surpreendente: quando se pensava que, agora sim, a Igreja e, nela, a Vida Religiosa davam a impressão de ter solucionado o grave problema de

*inserir-se na vida da humanidade e centrar-se na caridade*⁹, uma nova viragem.

2.3. *A contemporaneidade: a noite, o cansaço, a solidão, o sonho...*

Muitos, dentro e fora da Igreja, saudaram esta nova hora como *a vingança* ou *o retorno do sagrado*. O fenômeno não nos é desconhecido e tem sido objeto de, por vezes, de perplexas constatações, por vezes, de argutas análises, nas áreas da sociologia, da psicologia social e da teologia. É inegável o que estamos vendo há, pelo menos, 15 anos. Uma impressionante efervescência religiosa, manifesta na explosão de grupos e movimentos que atravessam todo o corpo social ou eclesial.

São espiritualidades de grande fervor, certamente, e inquestionáveis são a sinceridade e o devotamento pessoal dos que as seguem. Entretanto, não bastam apenas a reta intenção, a sinceridade e o ardor¹⁰. Aliás, sobre caminhos equivocados, nada pode ser pior que o devotamento e a paixão. Quando se erra a direção, quanto mais fervoroso se é, mais se distancia do que se busca encontrar.

Na metáfora até aqui usada, este é o instante da noite já avançada, com tudo aquilo que as noites trazem consigo: a insegurança, o resfrio, o cansaço, a solidão, o obscurecimento das visões e, correspondentemente: a busca quase fóbica de proteção e segurança, do recuo aos abrigos contra o escuro e o desconhecido.

⁸ Cf. Comblin, J. – *Os interrogantes da Vida Religiosa no século XXI* – in *Convergência*, 370/2004, p. 76.

⁹ Id. *ibidem* – p. 85.

¹⁰ Nenhum outro movimento religioso de todos que conhecemos foi mais bem intencionado, ardoroso, de boa fé e sincero que os *fariseus*, ao tempo de Jesus. E, no entanto, nenhum outro foi mais duramente criticado pelo mesmo Jesus do que esse.

Há, se bem olharmos, não poucos indícios de que, o que hoje vivemos, não seria (ainda) *o retorno do sagrado*, como se postula usualmente. Mas este discernimento exige de nós um criterioso cuidado, que não pode mais, porém, ser postergado, pois urge essencialmente. Por ora, o que sabemos e podemos, categoricamente afirmar é:

- A noite escura do humano, em si mesma, não é ainda o advento da aurora de Deus.
- A exaustão da antropocêntrica não é ainda, por si só, a emergência do sagrado.
- O cansaço do humano não é já o repouso em Deus.
- O sagrado (*non aliud*) não é a nossa interioridade.
- O mergulho em nós mesmos não é, por isso, ainda a experiência de Deus.
- E Deus não é uma espécie de metáfora invertida de nossas incapacidades nem um substitutivo de nossa impotência, inércia ou esgotamento.

Na seqüência disso, percebem-se, por fim, neste momento, na Igreja, sobretudo, duas tendências aparentemente contraditórias, mas intimamente interligadas, a saber:

- De um lado, o recuo às certezas do passado, o neo-conservadorismo ou neo-pietismo, na doutrina, na moral, nas práticas religiosas e até mesmo nas exterioridades do regime de cristandade.
- E, doutro lado, não obstante sincera, uma profusa e difusa busca de Deus, numa fusão de diferentes e até contraditórias vivências de interioridade ou intimismo, informações religiosas variadas, sem grande nexos interior e inflexão na vida pessoal e coletiva de

seus membros. Uma espiritualidade *sui generis*, que, ao contrário do que se poderia esperar, pouco ou quase nada tem de subjetividade, de auto-implicação da própria pessoa, de inclusão da história pessoal, de engajamento de seu próprio eu (largo hiato entre moral/ética e religião/espiritualidade)

Vale ainda recordar aqui, mesmo se apenas de passagem, os retrocessos inocultáveis na vida espiritual das pessoas, na Igreja dos últimos tempos. De um lado, os infantilismos em que se refugiam ou são mantidos alguns e, de outro lado, a tutela e os dirigismos que se permitem outros. E entre estes e aqueles, o acervo de fórmulas, doutrinas, preceitos, tradições e práticas religiosas que todos carregam, sem que ninguém saiba explicar, em clara inteligibilidade, para que serve tudo isso (religiosamente).

Os grandes projetos religiosos e humanitários coletivos e pessoais ruíram e, de seus escombros, constroem-se empreendimentos variados, que se substituem com impressionante celeridade.

Já estas características, aqui apenas tangenciadas e toscamente descritas, permitem-nos vislumbrar o vulto espiritual da atual catolicidade. Neste *biotopos*, nasceram as novas gerações de religiosos e religiosas: filhos e filhas da contemporaneidade, do cansaço, da insegurança, da solidão... mas também do sonho.

3. Por conclusão

Não temos que lamentar, mas buscar compreender o que se passa hoje na Igreja e na Vida Religiosa, sobretudo na experiência das novas gerações. Mas isso não se

pode fazer de *um trem em marcha*, como é o nosso caso neste momento.

A recusa do Cristianismo e de sua concreção mais tradicional, a Igreja Católica, de recriar suas práticas, experiências, doutrinas, organização institucional e espiritualidade diante dos desafios da modernidade e da pós-modernidade, coloca-nos hoje, na contemporaneidade, diante de retos ainda maiores, uma tarefa mais colossal ainda, com retardo de, pelo menos, três séculos.

Mas temos que ultrapassar o momento de apenas constatação. Há, porém, certas condições, sem as quais não sairemos da paralisia das verificações ou dos puros lamentos. Assim, gostaria de finalizar esta proposta de reflexão, considerando tais condições.

1. É preciso retomar, com coragem, os grandes propósitos da modernidade, sim, aqueles descritos ainda pela época das luzes, no sentido de uma maior responsabilidade racional no âmbito religioso. Talvez seja esse um dos grandes *deficits* da espiritualidade contemporânea e das práticas religiosas. Bastam-nos, sim, a todos, a fé, a esperança e a caridade. Mas temos que assegurar que a fé seja fé e não um subproduto da ignorância e da negligência reflexiva. A esperança tem que ser ela mesma e não apenas um amontoado de ilusões e fantasias. A caridade tem que ser amor efetivo e não um enlevo da alma ou um difuso sentimento de boas intenções. Sabemos: a razão apenas não nos basta, em nenhuma área da existência

humana. Mas é preciso levar muito a sério as emoções da razão e seu poder crítico, se não quisermos transformar a fé em pietismo, a esperança em ilusão, a caridade em sentimentalismo e a experiência de Deus em vivências irracionais ou em espetáculos folclóricos de longa duração (cultural) e curto alcance (espiritual).

2. É preciso repensar e enriquecer a espiritualidade com as descobertas e conquistas do espírito da pós-modernidade, no sentido de uma espiritualidade que envolva o eros, o prazer, a alma, a criatividade, a subjetividade.

3. E assim, finalmente, reencontrarmos a unidade orgânica do que é próprio do humano: a razão analítico-instrumental (ciência e técnica), a razão normativa (ética e política), a razão poética e sapiencial (estética, erótica e fé).

4. É preciso repensar e compreender a Igreja, nas sendas do que foi proposto pelo Concílio Vaticano II¹¹, como uma Igreja a serviço do mundo e dos homens, efetivamente, e menos preocupada consigo mesma ou apenas com sua manutenção institucional.

5. Mas, sobretudo, urge o sincero esforço de colocar, em todos os níveis, a questão central que a todos importa essencialmente, no Cristianismo, na Igreja, na Vida religiosa, a saber, onde está e em que consiste o *proprium* de Jesus Cristo, para, a partir daí, reconstituir e recriar, com *parrhesia*, a Vida Religiosa. O Cristianismo não é pietismo, moralismo, mergulho na própria interioridade, colóquio

¹¹ O Concílio Vaticano II foi seguramente a melhor síntese da modernidade e pós-modernidade produzida oficialmente pela Igreja. Não é por acaso que o avanço da noite eclesial só foi possível depois que se apagaram muitos dos luzeiros acesos por este Concílio.

da alma consigo mesma, mas encontro com a alteridade de Deus, no seguimento de Jesus Cristo e de seu modo de ser neste mundo. Este é o núcleo (*archetypus*) da fé cristã e o critério de verificação e de validade (cristã) de toda e qualquer experiência pessoal e comunitária, na Igreja e na Vida Religiosa.

As noites, todas elas, porém, não são apenas cansaço, insegurança, resfrio, solidão, obscurecimento das visões, pesadelos e insônias, mas igualmente beleza, recolhimento e sonhos. Também assim, o nosso tempo, a contemporaneidade. Ela não é fracasso, mas apenas o intervalo histórico

no qual vivemos e no qual, intransferivelmente, somos convidados a viver a nossa fé. E é a fé que nos assegura: o ontem, o hoje e o amanhã são conduzidos não por queixumes ressentidos nem por denúncias inflamadas, mas pela solicitude de nossos cuidados, pelo recolhimento vigilante (*vigília*), pela paciência da esperança e pelas mãos invisíveis do espírito.

Endereço do autor:

Rua Atenas, 1001 – Bairro Tibery

38405-066 Uberlândia – MG

Tel.: (34) 3213 7864

Email: pln@procamig.org.br

Home-page: www.prudentenery.pro.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como você e sua comunidade percebem as mudanças das “viragens de época” ocorridas nas últimas décadas?
- 2- Qual o espaço que sua comunidade abre para a reflexão e o intercâmbio na busca de perspectivas para os candentes desafios vindos das novas gerações?
- 3- Quais são as condições necessárias para a superação da paralisia e dos lamentos que você considera mais importantes e urgentes no contexto da sua comunidade/ província?

“No domínio de um conhecimento da natureza cada vez mais sofisticado, o ser humano passa a se ver sobre todas as coisas, subordinando-as a seus interesses, instrumentalizando-as para seu uso.”

“O diálogo inter-religioso como diálogo profético: compromisso missionário da Vida Consagrada”

CARLOS DEL VALLE, SVD
DIRETOR DA REVISTA TESTIMONIO

Introdução: uma espiritualidade do diálogo

Globalização, aldeia global, interdependência, diálogo, comunicação, encontro... são categorias que se impõem cada vez com mais força nas reflexões que vão aparecendo sobre questões culturais e religiosas. É o reflexo do que está acontecendo hoje na vida das pessoas, grupos, povos e coletividades humanas de todo tipo. De fato, quem se dedica à reflexão é sempre um escrivão atrasado que toma nota do que acontece na vida. Normalmente se fala do que se vive ou do que se precisa e vai emergindo como desafio que deve ser afrontado para possibilitar a convivência entre os seres humanos. Nós, homens e mulheres, não vivemos simplesmente, mas também convivemos, e fazemos isso em espaços e tempos, em determinados contextos culturais variáveis.

Em nível mundial o diálogo passou a ser hoje uma dessas categorias culturais transversais, globais e globalizantes, permeáveis na vida inter-pessoal e social. Com razão se fala de uma cultura do diálogo, um modo de ser, o ar que respiramos e que vai nos configurando a nós, seres humanos, que habitamos a aldeia global do nosso planeta. O diálogo é o que nos permite a comunicação, e a comunicação entre pessoas e grupos é o

único caminho para se chegar ao conhecimento que possibilita o encontro.

Ao falar de diálogo estamos nos referindo a algo externo no comportamento das pessoas, grupos e instituições, mas também a uma espiritualidade, um modo de ser da pessoa ante o confronto que experimenta na própria mente e coração quando se encontra com algo ou alguém estranhos. Quer dizer, a cultura do diálogo nos leva a nos revestirmos de uma espiritualidade do diálogo, uma determinada visão da vida, um espírito que se concretiza em certas atitudes necessárias para se poder conviver, tais como: não ser centralizadores mas pluralistas, não ser dogmáticos e categóricos, mas abertos e transigentes, não viver instalados na própria auto-suficiência, mas permeáveis à auto-crítica e enriquecimento recíproco.

O objetivo de quem recorre ao diálogo não pode ser convencer, e ainda menos impor, mas sim conhecer o diferente. Nós, seres humanos, dialogamos não para convencer o outro e conseguir que ele pense ou seja como eu, mas para conhecê-lo em suas diferenças, poder construir a união na diversidade. O diálogo é uma atitude fundamental para o conhecimento, a aproximação e o encontro. Hoje é tão essencial à convivência como a respiração à vida.

O diálogo, mais que tentar convencer ou

mudar o outro, procura a transformação de quem dialoga. O diálogo é uma plataforma de mudanças, de transformação, de conversão evangélica, de metanoia... para quem entra nele. Quem dialoga está aberto a se deixar enriquecer pelo diferente. O diálogo é uma dinâmica de conversão, repúdio à auto-suficiência e abertura à complementariedade e enriquecimento que nos vem de fora, do diferente. Entrar em diálogo equivale a entrar na dinâmica espiritual da relação, uma espiritualidade que nos leva a viver na verdade das próprias limitações e a descobrir na diversidade a riqueza do Espírito para que possamos crescer na comunhão. Neste sentido, podemos afirmar que a vida religiosa se sente desafiada hoje por uma espiritualidade do diálogo, que a leva a fazer dele não só uma meta (verdade), mas também um método (caminho) e, antes de tudo, uma prática (vida).

No fundo, ao constatar a urgência do diálogo, estamos partindo de uma avaliação positiva da diversidade. O diverso não é o adversário, mas aquele que complementa e enriquece. Diversidade não é sinônimo de oposição. O reconhecimento da diversidade possibilita e procura a união e a reconciliação; contrariamente, a oposição tem como frutos a separação e a distância. Um concerto mostra a sua riqueza na diversidade dos instrumentos, e o que conta é a harmonia da melodia. É a ação do Espírito que cria diversidade e o pluralismo para tornar a comunhão possível.

I. Chamados a ser profetas do diálogo inter-religioso

Vivemos em um mundo pós-colonialista e pós-imperialista, inter-independente, multi-cultural e multi-religioso. Neste

mundo aparece a necessidade do diálogo como urgência capital. "Sem diálogo o ser humano se asfixia e as religiões envelhecem" (R. Panikar).

O diálogo leva a construir comunicação entre nós e a estar e viver em comunhão com Deus (sentido da oração cristã). Diálogo é essa pedagogia evangélica que envolve no mesmo processo o evangelizado e o evangelizador, evangelizando-se reciprocamente. Se nós, seres humanos, vivemos em inter-dependência, isso implica que aceitamos uma certa dependência recíproca para o bem da comunhão.

É justo, por conseguinte, focar hoje a tarefa missionária da vida religiosa na Igreja e no mundo, a partir da categoria do diálogo, um diálogo profético como compromisso missionário prioritário para levar para a frente a missão. Esse compromisso missionário de diálogo profético pode e deve ser concretizado, antes de tudo, em relação às pessoas afastadas da fé, com os pobres e marginalizados da sociedade, com pessoas de outras culturas e outras religiões. Nesta reflexão nos centramos no diálogo com pessoas que compartilham outras crenças religiosas. Aludimos, portanto, ao desafio que a inter-religiosidade coloca hoje para a missão da vida religiosa.

O diálogo tem uma grande importância para a missão da vida consagrada; uma missão concretizada também nas relações necessárias entre quem não compartilha as mesmas crenças religiosas. Daí a necessidade do diálogo inter-religioso como urgência profética para o nosso estilo de vida consagrada, com a convicção de que "o religioso do século XXI será inter-religioso". Missão e evangelização não podem ser entendidas à margem do diálogo, já que

comunicar evangelizando é comunicar-se, situar-se em diálogo, encamando o respeito e a verdade dos que se comunicam.

Ao falar da missão, até a algumas décadas o desafio fundamental que nós, cristãos, enfrentávamos era o ateísmo, isto é, a negação direta de Deus, ou o agnosticismo, a situação daqueles que não se colocam o problema de Deus. Hoje as coisas mudaram, e nos encontramos com outro desafio, quizá mais urgente – principalmente em alguns ambientes sócio-culturais – para os tempos em que vivemos. É o desafio que nos colocam, a nós cristãos, os que não são cristãos, os que têm outra forma de crer; contam com outra doutrina e outra ética. Um desafio que pode ser graça para nós hoje.

As religiões não podem se apresentar como modelos acabados de perfeição. Isso responderia a um idealismo que de fato se choca sempre com a realidade do comportamento de seus seguidores. Os homens e mulheres quando professam uma determinada religião, configurada pelo anelo da verdade, são seres humanos que caminham na sociedade para a plena consecução de uma espiritualidade marcada por: uma fé personalizada, um desejo de mística, um anelo de profecia que se manifesta na sensibilidade e no compromisso com a justiça, a paz e o respeito para com a criação.

Isto é, para que aconteça um diálogo inter-religioso fecundo, devemos partir de certos pressupostos ou critérios que assumimos como algo necessário na convivência:

- A partir do ponto de vista ético, uma religião será boa se humanizar, se se comprometer com a paz, com a justiça e integridade da criação.
- A partir da perspectiva religiosa, uma religião goza da verdade se é coerente e fiel a

suas origens, se conta com capacidade salvífica e sentido de transcendência.

- Como algo próprio e específico nosso, que professamos a fé cristã, uma religião é boa e verdadeira, em sua teoria e em sua prática, se deixar entrever o Espírito de Jesus Cristo.

O grande desafio do diálogo inter-religioso se concretiza na busca da Verdade. Nunca a possuiremos em plenitude. Vamos, ao caminhar, aproximando-nos dela. E, logo, a Verdade não pode ser aprisionada em fórmulas rígidas. É algo que sempre nos ultrapassa; não podemos chegar até o fundo. “O vento sopra onde quer; ouves o seu rumor, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. O mesmo acontece com quem nasce do Espírito” (Jo 3,8).

II. Diálogo inter-religioso: acontecimento de graça para a vida religiosa

1. *Possíveis atitudes frente ao diálogo inter-religioso*

Através da aproximação entre as religiões podemos sentir o planeta na atualidade como a aldeia global, a *oikoumene* (terra habitada). Todos nos sentimos dentro da mesma nave planetária, em inter-dependência. A partir daí descobrimos as outras religiões. Os outros contam com uma riqueza salvífica complementar ou desafiadora do nosso próprio patrimônio religioso. Já não podemos considerá-los como perigo. Precisamente na espiritualidade e visão da vida caracterizada pelo diálogo encontramos o fundamento do movimento inter-religioso.

O diálogo inter-religioso é a barca que nos leva na busca de espaços, convergên-

cias e entendimento entre as religiões. É o caminho para a reconciliação do mundo, da humanidade, para fazer dela a casa em que todos cabem. De fato, no diálogo inter-religioso nós arriscamos a fidelidade ao cristianismo.

Vejamos que atitudes podemos encarar frente aos não cristãos para que efetivamente a aproximação que possibilita o diálogo se converta em *kairós*, oportunidade de graça para o cristianismo e para a vida religiosa:

- Na missão podemos ter ou tivemos uma primeira atitude de condenação das outras religiões, considerando-as simplesmente como fábrica de ídolos. Daí o cultivo de posturas combativas, já que Cristo é o único Salvador e fora da Igreja não há salvação.
- Uma segunda atitude nos leva a partir da consideração do cristianismo como superior, e as outras religiões seriam preparação, anúncio, semente. O cristianismo é a plenitude de tudo que é bom e verdadeiro. Uma pretensão simplesmente inaceitável para os não cristãos e, com efeito, desmentida pela vida dos cristãos.
- Em terceiro lugar, poderíamos pensar que todas as religiões são iguais e, portanto, relativas. Deus se revela de muitas maneiras. Neste sentido, ninguém – nem mesmo Jesus Cristo – teria a revelação plena.

A primeira e a terceira atitudes são refutáveis obviamente pelo perigo de intolerância e de relativismo que comportam. A segunda atitude implica cremos com o monopólio da verdade, e isso não é cristão. Efetivamente cremos que Cristo é a revelação, a salvação suprema de Deus. Porém não podemos identificar o

cristianismo histórico com Cristo. A Igreja não tem o monopólio da verdade nem do bem.

Em suma, a única alternativa autenticamente cristã na missão é o diálogo, um diálogo profético que se dá a partir da própria identidade e em abertura ao enriquecimento da diversidade. Um diálogo realizado sem pretensões nem simples concessões, sem superioridade nem complexos, sem monopólios (exclusivismo) nem relativismo (indiferença).

Na nossa missão, como religiosos e religiosas nos sentimos chamados a ser profetas do diálogo, sem intolerância nem relativismo. De um lado a intolerância leva ao fanatismo, a partir de um afã de identidade e segurança, com pretensão de que a própria religião é a única válida e verdadeira. De outro lado, poderíamos cair no relativismo, chegando a aceitar a conclusão de que todas as religiões são válidas e iguais.

No fundo da questão do diálogo inter-religioso, estão se estabelecendo três maneiras para se chegar ao cume de uma montanha:

- Há um único caminho: é a determinação da assim chamada corrente *exclusivista* que, afirmando o monopólio, sustenta todo tipo de exclusivismo.
- Existe um caminho principal e outros secundários: os secundários vão se unindo ao principal em diferentes pontos. Sempre são secundários e subordinados: é a corrente *inclusivista*, que continua afirmando o monopólio, incluindo nele os demais sem reconhecer-lhes autonomia valiosa própria.
- São vários os caminhos possíveis que vão dar ao cume: é a denominada corrente pluralista. No fundo, é o mesmo

seguir um caminho ou outro para se chegar ao cume.

Não podemos cair em exclusivismos do passado, defendendo princípios arraigados em certas correntes de reflexão teológica e práticas missionárias inspiradas no lema: "fora da Igreja não há salvação". Tampouco a solução estaria na defesa de inclusivismo, com caráter de imperialismo religioso solapado, no sentido de que em todas as religiões existem sementes da verdade; todas essas sementes da verdade estariam tacitamente incluídas no cristianismo. Porém, tampouco é válida a corrente pluralista que, de fato, encarna o relativismo ao defender posturas de que tudo tem o mesmo valor. Para nós, cristãos e religiosos, o mistério de Deus encarnado em Cristo supõe uma verdade que não podemos impor e não podemos renunciar a propor. Daí que a única via cristã possível para a missão é o diálogo inter-religioso.

2. Implicações proféticas do diálogo inter-religioso

O diálogo presta sempre serviço à Verdade. Na prática do diálogo estamos exercendo, de fato, a função profética. Por isso, a vida religiosa no início do século XXI se sente particularmente chamada a exercer sua função profética no diálogo inter-religioso. Vejamos quais são as implicações proféticas do nosso compromisso missionário no diálogo inter-religioso.

Só se dialoga a partir da própria identidade

O diálogo inter-religioso significa conhecimento mútuo e enriquecimento recíproco, em obediência à verdade e respeito à liberdade. Implica respeito e confian-

ça baseados na sinceridade e na boa fé. Um diálogo entre identidades abertas, mutuamente fecundantes.

Para dar conteúdo ao diálogo inter-religioso temos que aprender a valorizar as outras religiões, reconhecer nelas sua capacidade salvífica e sentido de transcendência, aceitar a revelação divina em seus textos sagrados e colaborar efetivamente em áreas de justiça, paz e harmonia na criação.

Contudo, isso não é possível sem viver a própria identidade. A fidelidade à própria fé religiosa é a plataforma necessária para se dialogar com os outros, levando-se em conta que a fidelidade ao cristianismo implica abertura aos outros e às crenças dessas outros. Só a partir desta consciência prática poderemos ser beneficiários de um intercâmbio profundo de informação, diálogo e transformação.

O diálogo inter-religioso demanda e possibilita uma conversão pessoal e institucional à relação, para poder compreender, respeitar, ouvir, aprender, enriquecer-se... não impor, convencer, dominar. O diálogo não visa o sincretismo, mas a transformação, a mudança dos que dialogam. Renovar-se para concordar, exercitar a auto-crítica para a tolerância! (H. Küng).

Efetivamente, nós cristãos confessamos Jesus como manifestação plena e definitiva de Deus, ainda não plenamente realizada na vida de seus seguidores. Esta é a nossa identidade. Não podemos dialogar a partir de uma identidade diluída, de uma fé pouco convicta. Nossa fé é o que mais nos capacita ao diálogo e à comunhão. Uma fé profunda evita que caiamos no relativismo, assim como na intolerância. Quanto mais cristãos e melhores religio-

sofismos, mas os acreditaremos ser superiores e respeitaremos mais o outro, o diferente, habitado pelo mistério de Deus, a quem Deus ama e chama por caminhos que me são desconhecidos.

Através do diálogo se renovam as religiões, renova-se o cristianismo, renova-se a nossa vida religiosa, alimentando e reforçando a própria identidade. Não podemos encerrar o mistério de Deus nos limites estreitos de uma instituição. Seremos mais cristãos e melhores religiosos – cristãos e religiosos mais convictos – na medida em que conseguirmos viver nosso cristianismo e nossa identidade religiosa abertos à riqueza de outros credos religiosos e deixando-nos transformar por suas interpelações.

Fecundação recíproca: dar e receber, ensinar e aprender

A pluralidade das diferenças não aparece como ameaça ou perigo que temos que evitar ou combater, mas como realidade fecunda que temos que descobrir e viver. É fonte de riqueza e fecundidade. Isto é, a pluralidade e as diferenças nas manifestações de Deus, na experiência do Mistério, na história humana, a pluralidade de mediações do divino e de caminhos de salvação... são mostras da riqueza do Espírito que sopra onde quer.

O objetivo fundamental da vida entre os seres humanos é a fraternidade. Na missão, ao aproximarmos-nos dos outros por meio de diálogo, não se trata nem de conquistar o outro (fazê-lo nosso, como nós mesmos), nem de defender-nos do outro (rejeitá-lo, anulá-lo), mas de encontrar-se com o outro (enriquecer-nos a partir da diversidade). Diálogo significa não somente

respeito, mas também escuta enriquecedora e, com isso, transformação.

A pessoa revestida de uma espiritualidade do diálogo é alguém que se mostra sólido nas próprias convicções, sem falsos irenismos e respeitando a identidade do outro. Quem dialoga está aberto a questionar-se a si mesmo, a aceitar ser questionado. No outro há sempre verdades e valores que me enriquecem. Aproximamo-nos do diferente não somente com a atitude de dar, mas também de receber.

De fato, não é a fé cristã que nos leva a dialogar numa posição de superioridade. São as características marcantes do nosso ser ocidental, o progresso econômico, nossa cultura, o que chamamos de civilização... isso é que nos leva a considerarmos-nos num plano de superioridade em relação a outros povos, culturas e religiões.

Ante o pluralismo reinante hoje, nós, cristãos, dialogamos em pé de igualdade. Não se pode dialogar de outro modo. Isto não quer dizer que tudo seja igual. Significa que não nos acreditamos superiores, que não temos Cristo com exclusividade, que não pretendemos saber tudo sobre Deus. Não temos o monopólio da verdade e do bem. Estamos abertos a aprender e a receber dos outros que são diferentes, a deixar-nos transformar com a riqueza recebida.

Até poderíamos nos perguntar: o que aprendermos e o que recebermos dos não cristãos? E a resposta é simples e profunda: Cristo, seu Espírito, isto é, Deus. É o nosso que nos ultrapassa e recebemos dos outros como presente. Podemos receber dos outros quando lhes oferecemos o que é mais profundamente nosso. E o que temos de mais específico é Jesus e a sua

mensagem: "o Reino está próximo" (Mc 1,15), Deus como *Abbá*, o Reino como experiência de sermos filhos e irmãos, de justiça e de paz. Deste modo, interpelamos os outros e eles nos interpelam, enriquecemos os demais e eles nos enriquecem, e, juntos, nos transformamos.

Conclusão: religiosos/as profetas do diálogo na prática missionária

Geralmente temos a tendência de avaliar as religiões pelas crenças, pelas idéias. Neste sentido o diálogo se centra na teoria. Porém, uma religião não é verdadeira por possuir crenças mais verdadeiras, mas por sua riqueza salvífica, sua dimensão de transcendência, por ser caminho mais efetivo para humanizar o homem a partir da confiança em Deus, na fraternidade e liberdade, justiça e paz.

Cristão não é simplesmente quem recita o credo, mas quem segue Jesus e vive como Ele viveu. Confessa que Jesus é o Filho de Deus quem vive a relação de Jesus com Deus e com o ser humano, vivendo o seu ser filho e irmão. O cristianismo se faz verdadeiro se anuncia praticando e se pratica anunciando o Reino para os pobres. A Igreja se torna verdadeira quando cura e liberta, levanta e fraterniza. Isto é, importa mais ajudar-se reciprocamente a caminhar do que colocar-se de acordo na teoria.

No fundo, trata-se de nos centrarmos – e quiçá questionarmos – o próprio conceito de verdade que temos. Fixando-nos no Evangelho, a verdade é algo que nos leva mais a viver do que a pensar. A razão de ser da vida, e da vida em Deus, está na verdade de sua vontade: "que todos sejam um". É a verdade do encontro frater-

no que aceitamos ao querer seguir Jesus Cristo como meta, método e prática – verdade, caminho e vida. É a verdade do Mistério de Deus que nos foi revelado, não tanto em idéias, mas na pessoa de Jesus Cristo. A verdade de Deus, o mistério da reconciliação dos filhos com o coração do Pai, como nos mostra a mensagem – inconcluso na prática – da parábola do filho pródigo. É o mistério da comunhão na Trindade, aquele que nos envolve: um mistério de vida que nos convida a entrar em si, a reconhecê-lo, e não simplesmente a conhecê-lo.

Nosso caminho é Jesus, a promessa e dom definitivo de Deus para toda a humanidade. O homem que encarnou a humanidade de Deus, sua bondade, seu projeto para a história. O Filho de Deus que nos acolhe no seu ser Filho. E caminhamos com os outros, propondo nossa fé e aprendendo da fé deles, em solidariedade de ação, em diálogo de fé, em comunhão de esperança.

Diálogo inter-religioso significa, portanto, revestir-se de uma determinada visão da vida (vida em relação), uma espiritualidade de diálogo, um modo de ser, para fortalecer a fraternidade entre as religiões. Será necessário o diálogo inter-religioso em todas as formas possíveis: diálogo da vida, diálogo da ação, diálogo do intercâmbio teológico, diálogo da experiência religiosa. Um diálogo para o bem dos seres humanos e das religiões, para que nos transformemos e possamos viver reconciliados.

O maior obstáculo para o diálogo inter-religioso é sempre o desconhecimento dos outros. Os descréditos mais viscerais provêm, com frequência, da ignorância e costumam encarnar o erro de reduzir a caricatura um cabedal de sabedoria. Se as re-

ligiões são hoje companheiras inseparáveis de viagem, isso significa que é necessário multiplicar a informação, a comunicação e a cooperação inter-religiosa. É preciso abertura a uma mútua interpelação e transformação na busca comum do Mistério de Deus, plenamente revelado no final da história.

Na medida em que a vida religiosa entrar na dinâmica do diálogo inter-religioso, estará respondendo a um dos sinais mais preclaros do nosso tempo. Nós, religiosos e religiosas, somos chamados a entrar na dinâmica da relação, a entrar na prática de um diálogo profético, aproximando-nos do diferente, também no campo das crenças e valores, não simplesmente para tratar de modernizar a cristandade (tentação de antanho), nem de cristianizar a modernidade (tentação atual), mas para levar adiante a missão de evangelizar evangelizando-nos e interpelar deixando-nos interpelar. Deste modo estaremos encarnando uma autêntica espiritualidade transformadora de nós mesmos em agentes de diálogo para a fraternidade, uma espiritualidade transforma-

dora de nossas instituições religiosas em casas e escolas de reconciliação.

Quadros dentro do texto:

Quadro 1:

“A cultura do diálogo nos leva a nos revestirmos de uma espiritualidade do diálogo, uma determinada visão da vida, um espírito que se concretiza em certas atitudes necessárias para se poder conviver.”

Quadro 2:

“A Verdade não pode ser aprisionada em fórmulas rígidas.”

Quadro 3:

“Diálogo inter-religioso significa, portanto, revestir-se de uma determinada visão da vida (vida em relação), uma espiritualidade de diálogo, um modo de ser, para fortalecer a fraternidade entre as religiões.”

Tradução: Testimonio n. 209, maio-junho 2005, pp. 51-60.

Endereço do autor:

Dieciocho 136

Casilla 9501

Santiago - Chile

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Mais que refletir a partir de algumas perguntas, convido você a fazer uma reflexão, oxalá compartilhada, sobre as seguintes afirmações:

- 1- “No fundo é a mesma coisa ser cristãos, hindu, budista, muçulmano, mapuche...”
- 2- “Só o cristianismo é verdadeira religião”.
- 3- “Só junto com os outros o cristianismo pode ser verdadeira religião”.

Psicanálise, Homossexualidade e Espiritualidade

JOSÉ DEL-FRARO FILHO

Mitos, julgamentos, preconceitos, estigmas, paixões proibidas, reivindicações de direitos desenharam e desenharam o rosto da história da homossexualidade ao longo dos tempos. A sexualidade humana com suas vicissitudes sempre despertou interesse, fascínio e emoções contraditórias.

O advento da psicanálise no final do século XIX e início do século XX coloca a sexualidade humana no foco das preocupações e amplia enormemente o seu conhecimento. Ela vem revelar que grande parte de nossa sexualidade e sua estruturação é forjada na infância, suas raízes estruturantes são inconscientes e portanto, os mecanismos que a engendram desconhecidos de nossa consciência. Apenas recebemos em nossa mente consciente os seus efeitos, seus impactos e não podemos escolher livre e racionalmente nossas preferências sexuais e amorosas. Em parte, devido ao inconsciente, somos escolhidos por nossa sexualidade e não sabemos com clareza sobre as motivações que nos conduzem aos relacionamentos. Isso se aplica a todas as esferas: nossas amizades, escolhas profissionais, nossos desafetos e principalmente quem vamos amar e desejar genitalmente. É verdade que não somos marionetes, fantoches de nossos inconscientes, o ego consciente e pré-consciente apresentam recursos de discernimento entre o bem e o mal e é dotado de inteligência. Porém, negar o impacto e a atuação de nossa infância esquecida e recalcada em nos-

sas vidas atuais, é como que enxergar apenas a superfície do mar e se esquecer da imensa vida escondida em suas profundezas.

Muitos de nós julgamos o próximo pela aparência ou pelo fenômeno que observamos num corte transversal. Esquecemos de analisar um fato ou vivência pela profundidade de fenômenos psíquicos, sociais, antropológicos, teológicos que ele pode conter. Julgamos muitas vezes o efeito sem aprofundarmos aquilo que o engendrou. Uma psicanálise é lenta, demorada, sofrida porque é a ciência que disseca, analisa e vem conferir elaborações a essas estruturações, a esse complexo labirinto ou quebra-cabeça chinês que é a mente humana.

Desde o nascimento até a velhice, o sujeito se encontra em uma luta visceral entre seu desejo de colocar fim às tensões que o viver exige (lado destrutivo ou pulsões de morte) e seu ardente desejo de viver, construir, amar e ser amado pelos outros, prolongando a vida (Eros, Sexualidade, Pulsões de vida). As duas pulsões encontram-se fusionadas a maior parte das vezes e nos comportamentos humanos, quando analisados em profundidade, percebemos atuar as duas tendências principais da mente. A fim de evitar a angústia que esse conflito básico provoca no mundo interno e baseados nas vivências que o bebê vai tendo com as pessoas significativas de sua infância, a criança vai formando fantasias, representações e mecanismos de defesa

Devido à história única de cada sujeito, os arranjos formados são singulares também. Assim, ser obsessivo-compulsivo, histérico, fóbico, psicopata, perverso, psicótico, heterossexual, homossexual são apenas constelações, denominações ou resultados de uma longa luta que cada sujeito trava no seu íntimo com suas angústias. **Sempre, porém, seu conflito maior será entre o desejo de viver e o desejo de por fim às tensões.** Os cuidados e o amor dos pais e depois da sociedade mitigam a destrutividade inata e fortalecem as pulsões de vida, a sexualidade e os eros inatos, fortalecendo a saúde mental.

Quanto à homossexualidade, Freud deixa claro que todos nós temos essa corrente da sexualidade em nossos inconscientes e que boa parte dessa energia ligada à homossexualidade utilizamos em nossa mente consciente para nossas sublimações e nossas calorosas amizades, principalmente com pessoas do mesmo sexo.

Porém, numa minoria de pessoas, por motivações inconscientes diversas a corrente homoerótica entra na consciência em forma de desejo sexual genital e toma o mesmo sexo como objeto de amor.

Para as ciências (Psiquiatria – Psicanálise – Psicologia) a homossexualidade não é um distúrbio e muito menos uma doença. Sua base genética é incerta e muitas de suas motivações psicológicas têm uma origem inconsciente, assim como na constituição da heterossexualidade. Em ambas as formas de sexualidade (Hetero ou Homo) encontramos relações onde ora a destrutividade, ora o amor predomina.

Vejamos as principais motivações psicológicas na gênese da homossexualidade masculina:

1. Identificação primária do bebê com a mãe. É universal, porém intensa e prolongada nesses casos. As angústias de engolfamento e de separação se intensificam dessa forma, levando a uma acentuação das fantasias idealizantes e paranóides quanto à mãe.

2. Dificuldades de identificação com o pai.

Em quase todas as versões do pai aparecem elementos que dificultam a identificação com ele: a imagem masculina está denegrida e/ou inatingível (idealizações).

3. Angústia de castração.

Excesso de imaginarização da castração.

Se o menino tem como imagem predominante da mãe o engolfamento narcísico e não encontra no pai uma identificação que o auxilia na elaboração da diferença sexual percebida, o caminho para a simbolização das vivências edípicas clássicas e da castração se torna obstaculizado.

4. Édipo invertido fortalecido.

Na triangulação amorosa e agressiva que todo menino faz com os pais, os desejos amorosos pelo pai e os desejos agressivos pela mãe podem predominar. Isso faria parte do Édipo invertido. No Édipo clássico os desejos amorosos se direcionam para o sexo oposto e os agressivos na rivalidade para com o mesmo sexo. Em todas as pessoas existem ambos: o clássico e o invertido. Em muitos homossexuais, o invertido predomina.

5. Há, em alguns casos, uma forte identificação com o pai, porém o menino a recalca pelas dificuldades que acarretarão, caso venham à tona.

Possíveis motivações inconscientes para tal: exemplo: evitação de se rivalizar com um pai muito temido ou muito amado do Édipo invertido.

6. O desejo inconsciente dos pais.

Influencia na "escolha" de objeto homossexual. Em alguns casos, no inconsciente da mãe é muito difícil ter um filho homem naquele momento específico, devido à sua própria história infantil ou atual.

O pai do menino poderá inconscientemente encará-lo como um rival perigoso demais ou devido à sua própria homossexualidade latente, transmitir um amor homossexual que é captado pelo inconsciente do filho.

7. O relacionamento dos pais, o casamento convencional heterossexual, a família no inconsciente do homossexual.

A homossexualidade pode funcionar como alternativa de relação, onde casamentos fracassados, infelizes imperam e povoam a mente do menino. Ela pode ser exercida como uma forma de sexualidade que denuncia ou contesta agressões e infelicidade dos pais. O menino busca, sem saber, uma via alternativa para não viver na pele o que os pais vivenciaram entre si.

Em alguns casos, o filho homossexual desvia para si todas as atenções, tentando salvaguardar os membros da família de suas próprias dificuldades emocionais.

8. Fatos reais (não fantasiados) e Homossexualidade.

Em muitos casos houve na infância cenas de homossexualidade genital real com adultos ou crianças do mesmo sexo, com fixação do prazer e/ou traumas. Em alguns casos houve ameaças real de castração por parte de adultos significativos para a criança.

Possíveis desdobramentos ou imagens inconscientes da mulher para o homossexual.

A mulher é percebida muitas vezes em polaridades que se estendem da santa venerada, vítima das grosserias masculinas ao pólo oposto da bruxa traiçoeira: má,

invasiva, chata, dominadora, fria ou pegajosa. Logo: pouco afeitas como objeto de amor genital.

Possíveis imagens corporais inconscientes de si mesmo.

Geralmente vai se delineando na análise como franzino, fraco, pouco viril, feio ou bonito como uma menina. Raramente forte e viril como os homens.

Possíveis desdobramentos ou imagens inconscientes da mãe:

- Menino percebe dificuldades abertas ou implícitas da mãe com o sexo oposto (marido, pai, homens). Muitas vezes esse filho é um aliado, visto como "assexuado" por ela.
 - Dificuldades em exercer o papel materno em alguns dos seguintes pontos: superproteção e excesso de ilusão (dificulta a entrada de um terceiro na relação) ou dificuldades em se identificar com as demandas do filho (uma das razões do incremento da inveja e rivalidade à mulher).
 - Desejo inconsciente de que esse filho fosse mulher ou não se identificasse ao pai ou que ele fosse somente dela.
 - Filho superinvestido em sua completude imaginária. Para Freud, muitos homossexuais tiveram uma intensa e longa ligação com a mãe e após a separação se identificaram ao objeto perdido (mãe) e o parceiro da vida adulta seria um substituto dele mesmo, recebendo o amor dessa mãe.
- Possíveis desdobramentos ou imagens inconscientes do pai:
- Omisso, ausente, distante, pouco participativo no cotidiano, fraco diante da mãe ou da vida ou para entrar efetivamente na simbiose mãe-filho.
 - Encarna a lei (pai terrível), violento com

a mãe e/ou com o filho. Alguns pais são pouco admirados por esses meninos.

- Pai internalizado de maneira idealizada (impossível do menino atingir ou de superar).
- "Feminilização" do filho por ciúmes da relação mãe-filho (um irmão pode acentuar ou atuar nesse lugar).
- Pai que "elege" esse filho como objeto de amor para inconscientemente viver sua própria homossexualidade, contribuindo para o fortalecimento do Édipo invertido do filho e/ou por estar infeliz no casamento.

Em quase todas as versões do pai aparecem elementos que dificultam a identificação com ele.

Obviamente cada caso é único e não precisa haver todos os fatores.

Na homossexualidade feminina posso enumerar alguns fatores como:

- O desejo inconsciente dos pais quanto ao sexo da menina, assim como nos meninos.
- As experiências sexuais reais na infância.
- Uma intensa e prolongada relação com a mãe, onde o pai está desqualificado como objeto de amor.
- Uma intensa inveja do pênis, incrementada por forte rivalidade com o sexo masculino que muitas vezes desapontou a menina e a mãe. A menina passa a disputar com o pai ou irmão o amor da mãe, se identificando com o sexo masculino. O Édipo invertido pode se encontrar poderosamente atuante.

Mediante tudo o que foi dito é absurdo julgarmos ou condenarmos tamanha complexidade de emoções e caminhos que podem passar e ultrapassar as pessoas.

Uma psicanálise ajudaria esses sujeitos a tomarem consciência e elaborar essas inúmeras variáveis. Assim poderão ampliar, em alguns casos, e fortalecer suas heterossexualidades e em outros lidar de forma mais integrada (amar, sublimar) com suas homossexualidades. Em ambos os desdobramentos possíveis nunca negar sua dimensão homossexual.

O preconceito social quanto à homossexualidade é introjetado e pode estar inconsciente no próprio homossexual, causando-lhe muitos danos. A psicanálise não se presta à conversão de sexualidades menos aceitas socialmente. Sua ética é não julgar, não condenar, não escolher para o outro, mas acolher, escutar, explorar o inconsciente auxiliando as pessoas a se integrarem, mitigando suas angústias e o desejo de destruir (TÂNATOS), fortalecendo o desejo de viver (EROS).

Jesus jamais julgou qualquer ser humano, ia além das aparências e navegava em águas mais profundas atingindo não só a razão, mas o coração e a história das pessoas. Queria colocar no colo todos os excluídos e todas as pessoas. Quem as julga, na verdade, está com medo de seu próprio inconsciente. Precisamos nos livrar dos preconceitos para amarmos as pessoas no que elas são e o que são diz de uma estratégia inconsciente de sobrevivência psíquica (hetero ou homossexuais). Não podemos desautorizar ou criticar aquilo que o outro às duras penas e com muito sofrimento encontrou como parte de sua identidade. E Jesus é mestre nessas lições de vida e não enxergava com os nossos olhos. Fico pensando na carta aos coríntios onde Paulo diz que agora enxergamos em espelho, mas que depois enxergaremos face a face. Todo arranjo psíquico, todo desejo, senti-

mento, fantasia, ato humano é baseado em espelho: no outro ser humano que participa na construção de nossa imagem. Assim nada é pleno, totalmente perfeito, satisfatório, pois somos frutos desse jogo de introjeção e projeção que constitui o aparelho psíquico e as relações.

Haverá um dia em que o espelho será quebrado e não será o fim, mas graça e júbilo de sermos vistos e de enxergarmos tudo com a claridade estonteante que só os olhos de Deus irradiam. Livres da luta

entre o bem e o mal e de toda angústia, o outro será só vida, nós seremos só vida, pois estaremos totalmente integrados e ressuscitados no Bem e Vida absolutos: Deus.

José Del-Fraro Filho. Médico, Psiquiatra e Psicanalista. Membro da Pastoral da Criança - BH/MG e do Instituto Terapêutico Acolher (ITA) - SP. Coordenador da Clínica CRER - MG (Clínica de atendimento a religiosos em Minas Gerais)

Endereço do autor:
Rua Gonçalves Dias, 1763 apto. 1301
Bairro Lourdes
301401-092 Belo Horizonte - MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- O tema da homossexualidade desperta interesse na sua comunidade? Porque?
- 2- Que se pode fazer para ajudar as pessoas e as comunidades a refletirem de maneira construtiva sobre esta temática e a superarem preconceitos e discriminações?

“Jesus jamais julgou qualquer ser humano, ia além das aparências e navegava em águas mais profundas atingindo não só a razão, mas o coração e a história das pessoas.”

As imprecações nos Salmos

LUÍS I.J. STADELMANN, SJ

Introdução

No rol dos vinte e quatro Salmos estão incluídos um ou mais textos imprecatórios¹. Por causa desses textos, os respectivos Salmos às vezes são designados erroneamente de Salmos imprecatórios. Os textos imprecatórios constituem unidades literárias que se encontram inseridas não só nos Salmos mas também em documentos judiciários e administrativos, como também em narrativas históricas e didático-religiosas. Quanto à sua forma literária, esses textos têm como núcleo a fórmula imprecatória, articulada em forma breve ou desenvolvida.

As *fórmulas imprecatórias* são classificadas na estilística entre os tropos, isto é, as figuras de pensamento. Essas fórmulas não se reduzem a meros artifícios literários usados para maior expressividade da oração comunitária mediante o choque verbal de uma linguagem de invectivas, mas constituem um recurso literário para o *realce* de uma idéia, de um argumento, de uma reivindicação ou de um pedido, formulados em súplica

dirigida a Deus². Preces pela aplicação dos juízos punitivos, mencionados em outros Salmos, não estão incluídas neste estudo, mas somente as súplicas enunciadas em forma *enfática* e em estilo *imprecatório*. É importante notar que o salmista não quer ressaltar o *modo* como Deus aplica o castigo ao ímpio, mas o *efeito* produzido pela intervenção divina. Por isso, essas fórmulas imprecatórias não visam despertar nos fiéis sentimentos de ódio e vingança nem complacência no sofrimento alheio.

A análise completa dos textos imprecatórios nos Salmos deve considerar três questões: a) o teor e a forma literária (=fundo e forma); b) os destinatários que se tem em vista; c) o sujeito de tais pronunciamentos. É claro que essas questões hermenêuticas e metodológicas têm sua aplicação também em outras áreas de estudo dos Salmos.

O teor e a forma literária

Em alguns Salmos de súplica é formulado o pedido não só pela salvação dos fiéis, mas também pela punição dos infi-

¹ Textos imprecatórios constam nos seguintes Salmos: Sl 7,4-6; 9,18; 9,20-21; 10,15; 12,4; 17,13; 31,18b-19; 35,4-8; 35,26; 40,15-16; 54,7; 55,10; 55,16; 56,8; 58,8-10; 58,11; 59,6; 59,12-14 a; 69,23-29; 70,3-4; 71,13; 79,12; 80,17; 83,14-16; 83,17-18; 109,6-19; 129,5-6; 137,5-6; 137,7; 137,8-9; 140,10-12; 143,12. Veja-se a análise detalhada dessas passagens no livro de L. STADELMANN, *Os Salmos: Comentário e Oração*, Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

² A fórmula imprecatória é omitida no texto do *Salmo responsorial* recitado na liturgia da Sta. Missa, porque se quer atender sobretudo ao teor de um determinado ensinamento da Sagrada Escritura, que consta na 1ª Leitura, do que focalizar a temática do salmo inteiro. A razão é fazer com que a oração da comunidade inclua a adesão ao ensinamento, como resposta humana à proposta divina.

éis. Ora, a punição imposta aos infiéis baseia-se na relação de proporcionalidade direta entre crime e castigo, de modo que do castigo imposto ao culpado se pode deduzir a gravidade do crime. Acontece, porém, que da leitura apressada do respectivo salmo não se percebe que tenha sido cometido pelos infiéis um crime tão grande que mereça um castigo que repugna ao nosso senso de justiça.

Surge então o problema da interpretação desses textos, quanto ao teor e à forma literária. Em outras palavras, esses textos afirmam um *fato* ou um *desejo* de que tal castigo se imponha aos culpados? A opção por uma ou outra interpretação é feita pelo tradutor que verte o texto hebraico para o vernáculo. Qual é o critério que deve orientá-lo na tradução? Quanto ao *teor* do enunciado entram em questão aqueles textos que mencionam severos castigos; quanto à *forma* literária só se pode falar de textos imprecatórios, se contêm o verbo nos modos imperativo, jussivo ou optativo. Por outro lado, verbos no modo indicativo se empregam em textos que relatam o *fato* de aplicar-se a sanção divina aos culpados. É de notar que na língua hebraica não há uma forma própria para o optativo, como é o caso no grego; usa-se o modo indicativo (do verbo no imperfeito [=yiqtol]) para expressar não só um *fato* mas também um *desejo*, correspondendo ao optativo (p.ex. "que se faça!"). Nessas frases optativas não ocorre interjeição alguma (p.ex. "oxalá!, tomara!") que indica um desejo ou apelo. Por conseguinte, a análise gramatical deve tomar em conta simultaneamente o *teor* da frase e a *forma* verbal para classificar a respectiva oração, à base do senti-

do que encerra, como oração optativa ou declarativa.

Na análise estilística são investigadas as *figuras de pensamento* (ou tropos) sob o ponto de vista hermenêutico; elas representam no estilo dos salmistas não um "adorno" ou artifício rebuscado, como mero fenômeno "retórico", mas sim são fruto de sua intuição criadora, que vinca de originalidade e vigor a sua individualidade expressiva. Analisaremos as seguintes figuras de pensamento: impreciação (também chamada na estilística de cominação, diatribe ou objurgatória); maldição, prece imprecatória e paradoxo.

a) *Impreciação* é a invocação de um poder superior indeterminado que envie males bem especificados sobre alguém. (A impreciação pode ser *condicional* [Sl 7,4-6] ou *forense* [Sl 109,6-19]).

b) *Maldição* é a invocação de um poder superior indeterminado que envie males não especificados sobre alguém. Nos Salmos não constam maldições do orante (senão dos ímpios), mas somente impreciações. Entretanto; consta a citação textual de uma maldição que foi usada no tribunal, a saber: Sl 109,6-19. Essa maldição contra os acusadores injustos é um recurso judicial em voga entre os povos da Antigüidade para a defesa do réu contra seus adversários, quando todos os outros recursos falhavam. Não era uma palavra mágica, mas a mais vigorosa e premente súplica, que, implicitamente, pedia a revogação das bênçãos divinas, a manifestação da injustiça do perseguidor e a vindicação do inocente. Outras passagens de "maldição" constam em Sl 55,16; 109,6-19; 137,8-9.

c) *Prece imprecatória* é a invocação de Deus que envie males bem especificados sobre alguém.

d) *Paradoxo* exprime a opinião contrária ao senso comum, tendo a aparência do erro, mas podendo conter uma verdade (cf. Sl 58,11).

Os destinatários que se tem em vista

Nos textos imprecatórios se mencionam indivíduos sobre os quais são invocados males, em castigo de crimes cometidos ou de ameaças contra a existência da comunidade de fé. Esses indivíduos são chamados de "inimigos (como termo englobante), ímpios, nações (=pagãos, ou simplesmente "pagãos"), perversos, adversários, traidores, perseguidores, idólatras, caluniadores e homens violentos".

Diversas teorias foram apresentadas para identificar esses "inimigos". Segundo Mowinckel seriam os feiticeiros; mas essa teoria é fantasiosa porque os termos que se empregam em outros livros bíblicos para designar a magia e seus praticantes nem sequer se encontram nos Salmos³. Segundo Birkeland seriam os inimigos da nação israelita⁴. Segundo Schmidt seriam acusadores injustos de homens detidos na prisão⁵. Segundo Bentzen seriam os perseguidores de homens refugiados no templo⁶.

Uma explicação que quer levar em conta não só todas as referências aos "inimi-

gos", mas também o ambiente litúrgico dos Salmos, concentra a atenção na *comunidade de fé*. Ora, as colunas básicas, no âmbito das religião, dessa comunidade são a Eleição divina e a Aliança sagrada de Javé a respeito do Povo de Deus. A *Eleição* divina diz respeito ao desígnio de Javé de escolher um povo entre todos os povos da Antigüidade para ser depositário da Revelação histórica. Quem, pois hostilizar ou pôr em risco a existência do Povo Eleito, opõe-se à realização dos desígnios de Deus pelo fato de atacar o instrumento de sua mediação. Quanto à *Aliança* sagrada, salientamos o significado do desígnio salvífico que Javé realiza para com o Povo Eleito. Quem combater esse povo, insurge-se contra a realização da obra salvífica na história.

Quem são, então, os "inimigos" que o salmista vitupera? São os *pagãos*, como também *israelitas renegados*. Portanto, os Salmos de súplica não são "manifestos" nacionalistas que denunciam certos atos dos inimigos da nação israelita, pois se o fossem, teriam que ser proclamados nas cortes dos reis pagãos e não na liturgia do templo ou no culto da sinagoga. Pelo fato de os israelitas recitarem os Salmos na liturgia, cada um dos fiéis está cõscio de estar na presença de Deus invocando-o para que Ele também se sinta pessoalmente atingido pela hostilidade dos inimigos, que o desafiam dando combate à comunidade de fé.

³ S. MOWINKEL, *The Psalms in Israel's Worship I-II*, Oxford, 1963.

⁴ H. BIRKELAND, *The Evildoers in the Book of Psalms*, Oslo, 1955.

⁵ H. SCHMIDT, *Das Gebet des Angeklagten im Alten Testament*, (B.Z.A W 49), Giessen 1928; *The Psalms*, N.Y.-Nashville, 1949.

⁶ A BENTZEN, citado por E. LINPIŃSKI, "Psalmes" I, em *Supplément au Dictionnaire de la Bible IX/1*, Fasc. 48, Paris: Letouzey & Ané, 1973, p. 1-125, esp. 47.

Nos textos imprecatórios são mencionados meios diferenciados para punir os inimigos. Disso se pode deduzir que o salmista tem em vista duas categorias de inimigos: sobre os *pagãos* se invocam maldições, imprecações e súplicas imprecatórias; contra os *israelitas renegados* se dirigem preces imprecatórias (omitidas a maldição e a imprecação).

O sujeito de tais pronunciamentos

Nascidos do culto e para o culto, os Salmos celebram a obra da salvação, conhecida por experiência interior, mediante a oração e reflexão teológica sobre a história do Povo Eleito e de toda a humanidade. Segundo o axioma da *"Religionsgeschichtliche Schule"*, a piedade cultual e coletiva precede em geral a devoção pessoal (=individual). O salmista, mesmo que exponha diante do Deus de Israel uma situação particular, sempre fala como membro de uma comunidade de fé, e seu hino ou salmo, como celebração de um momento específico da história da salvação, passa assim à liturgia do Templo, como oração comunitária.

O "eu" dos Salmos não é um indivíduo que assume uma posição de superioridade, de justaposição ou de distanciamento em relação à comunidade de fé, mas está inserido no organismo social, participa dele, vive a mesma vida. Como membro da comunidade, ele está consciente da responsabilidade em relação aos seus membros, porque o destino dele está intimamente ligado ao destino da coletividade. Para o Povo de Deus, esse destino é a *salvação* que diz respeito à própria natureza da existência espiritual. Ora, a vida espi-

ritual se realiza essencialmente na linguagem. Na própria ação de falar é que se realizam a vida e a comunicação de valores da existência espiritual; é o "espaço de sentido" em que vive e se aperfeiçoa cada pessoa. *A linguagem, no seu estado de perfeição e como expressão de uma comum responsabilidade pela verdade, e de uma comunidade de destino, conduz inevitavelmente os homens para a realização "eu - tu".*

Já que a linguagem constitui a *pré-condição* do encontro pessoal, nela ocorrendo como que uma antecipação desse encontro, o que dizer da linguagem dos Salmos? Pelo fato dos Salmos serem recitados na liturgia, eles eram a *pré-condição* para o encontro dos israelitas com Deus. Porventura o são também para os cristãos? Evidentemente que sim, pois foi o próprio Deus que ensinou a assim rezar aos fiéis da comunidade soteriológica (do AT) e da comunidade cristológica (do NT). A Igreja inteira recita diariamente os Salmos e os recomenda aos fiéis, para seu encontro com Deus. Todos os bons sentimentos do coração humano encontram no Saltério sua expressão peculiar. Todavia, em razão da limitação da revelação do AT, não devemos aferrar-nos ao sentido literal dos textos imprecatórios, incompatível com os ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo. Esses textos têm que ser interpretados à luz dos critérios da *releitura cristã*.

Convém ter presente os percalços de uma interpretação apressada, porque o subjetivismo do intérprete como também os condicionamentos sociais e culturais de uma época podem determinar os critérios para qualquer releitura. É necessá-

rio, pois, situar-se no contexto da comunidade de fé do AT e fazer sua aplicação ao contexto do NT.

Os membros da comunidade de fé, para os quais o salmista é porta-voz da mensagem divina, se dão conta de serem hóspedes de honra reunidos em liturgia na presença de Deus. Côncios, porém, de sua indignidade, eles suplicam a misericórdia divina para manifestar-lhes a salvação. Essa misericórdia é penhor da relação de Deus com o Povo Eleito, embora infiel. Em vista disso, Deus revelou que seu "amor — misericórdia" para com os seus eleitos, confirmado por aliança sagrada, sempre será "fiel". Por isso, o binômio "amor e fidelidade" (em hebraico: *hesed* — '*emet*) constitui o princípio inspirador e penhor da relação entre Deus e seu povo, e é a garantia de sua existência histórica.

Os fatores que levam à extinção do Povo Eleito são a *infidelidade* dos israelitas e a *agressão* externa dos pagãos, incluindo-se também os fatores da conjuntura política dos povos em luta pela hegemonia sobre outros. Com efeito, o Exílio é prova da infidelidade do Povo de Deus, que levou à extinção do Estado israelita, sendo os pagãos o instrumento nas mãos de Deus para executar o juízo histórico contra nações em decadência por causa do descalabro moral. Convém notar dois tipos de reação dos israelitas diante da catástrofe nacional:

– LAMENTAÇÃO sobre o extermínio da comunidade política do povo de Israel (cf. o Livro das Lamentações);

– SÚPLICA insistente pela sobrevivência da comunidade de fé do Povo de Deus. Essa súplica é enfatizada por um duplo

pedido pela intervenção de Deus: *em favor* dos fiéis, mediante Sua intervenção salvífica; *contra* os infiéis, mediante Sua intervenção punitiva (invocada por maldições e imprecações inseridas nos Salmos). Por isso, o Povo Eleito não se dá por vencido enquanto existem comunidades de fé vinculadas a Deus em Aliança sagrada.

Surge, porém, a pergunta se os textos imprecatórios nos Salmos não seriam fruto da obstinação de um povo, inevitavelmente fadado a desaparecer, pelo fato de estar privado de estruturas sócio-políticas que lhe assegurem a identidade e coesão em meio a uma maioria de outros povos de crenças diferentes. Nesse caso, os tais Salmos já não seriam oração que exprimem a entrega confiante do indivíduo nas mãos de Deus, mas no fundo seriam a expressão de amarga recriminação por não tê-los poupado da catástrofe. Uma pergunta desse tipo baseia-se na reflexão sobre reações psicológicas de quem aborda os Salmos sem analisar o texto, preferindo ao invés especular sobre atitudes de pessoas em geral frente a situações aflitivas.

O que importa na abordagem dos Salmos é reconhecer o fato de serem textos inspirados que ensinam a oração pelas palavras da comunidade de fé que se achava às voltas com graves problemas e sério perigo para a sua existência histórica. O motivo que os inspira não é a obstinação do próprio "ego", mas a fé da alma confiante; aliás, um "ego" que clama não reza, mas reivindica, ao passo que a alma confiante responde a Deus e fala com Ele na oração não somente sobre aquilo que Ele já sabe, mas sobretudo sobre aquilo que se quer dar e receber.

Critérios para a releitura cristã

A *releitura cristã* dos textos imprecatórios tem por objetivo não apenas a mera compreensão do sentido desses textos, mas sim a interpretação deles em vista de sua utilização atual como oração litúrgica. O critério dessa releitura é o contexto religioso do NT e não o do AT. No Israel de então, o ambiente religioso e a vida social se interpenetravam, de sorte que na reunião comunitária coincidiam a *celebração litúrgica* e o *ato público* para tratar de assuntos de interesse comum. Além disso, a religião estava intimamente ligada à vida e à convivência cotidiana e abrangia todas as dimensões da existência do grupo social, de modo que a busca de soluções dos problemas que o afetavam incluía o recurso à intervenção divina. Com a recitação das imprecações nos Salmos se visava desmascarar a violência na sociedade e apelar à intervenção de Deus com a Justiça Preventiva em defesa da unidade, coesão, identidade e segurança da comunidade.

Em contraste com o mundo agrário de então, constata-se na *civilização atual* que a vida religiosa se converteu em setor alheio ao conjunto de atividades que se secularizaram. O indivíduo desenvolve sua vida política, sindical, social e religiosa em diferentes lugares, mutuamente impermeáveis, onde vigoram normas éticas diferentes e muitas vezes contraditórias. Por conseguinte, os problemas que provocam conflitos na vida do indivíduo não são expressos hoje em termos de invectivas contra pessoas concretas, como nas imprecações, mas são formulados como reivindicações a serem encaminhadas às instâncias competentes.

Na *interpretação* dos textos imprecatórios dos Salmos são aplicados três métodos:

1. A solução de ordem *literária* consiste em relacionar textos contrastantes, isto é, a ameaça invocada pela imprecção, e a súplica pela salvação, são apresentadas segundo o paralelismo antitético.

2. A solução de ordem *teológica* faz a distinção entre a misericórdia (a ser aplicada ao pecador) e a justiça a ser imposta ao comportamento pecaminoso.

3. A solução de ordem *hermenêutica* consiste em interpretar as expressões sobre o extermínio dos ímpios em termos de erradicação das *causas* do descalabro na sociedade e da *conseqüência* que da ação desses ímpios resultam para a vida em comum.

A solução do problema hermenêutico dos textos imprecatórios nos Salmos consiste, em *primeiro* lugar, na análise do texto segundo os cânones da poesia hebraica. Ora, uma de suas características literárias é o emprego da figura do paralelismo antitético, por meio da qual se realça uma idéia positiva, expressa anteriormente, mediante o acréscimo de uma idéia oposta com sentido negativo. Assim, a súplica para que Deus conserve a vida dos fiéis é enfatizada pelo acréscimo de outra súplica, na qual se pede que Deus destrua os que a põem em perigo. A polaridade utilizada nos Salmos tem a finalidade de salientar a salvação do justo, ao passo que o extermínio dos ímpios significa a remoção das causas que provocam situações conflitivas.

O *segundo* passo da análise das imprecções é distinguir entre a imagem e a idéia subjacente. Ora, nos Salmos se costumam exprimir as idéias por meio

de imagens. Assim, se personificam em personagens concretas os fatores sócio-econômicos que influem na desestabilização da sociedade.

A terceira particularidade a ser levada em consideração é a ausência de qualquer referência ao *modo* como Deus deve aplicar o castigo aos inimigos, mencionando-se somente o efeito produzido pela intervenção divina. Por isso, as fórmulas de imprecação não visam despertar nos fiéis sentimentos de ódio e vingança nem de complacência no sofrimento alheio.

O problema de ordem teológica, que precisa ser solucionado, diz respeito à "lealdade" de Deus, com relação aos israelitas, invocado na súplica para exterminar os inimigos. Ora, na Bíblia se mencionam vários desígnios de Deus para Israel. O termo hebraico *hesed*, traduzido por diferentes palavras, indica o desígnio de "amor" que é o princípio inspirador da Eleição e Aliança entre Deus e o povo de Israel; a palavra "misericórdia" ocorre em textos que exprimem a solicitude de Deus para com os aflitos e pecadores; a palavra "lealdade" expressa a garantia de vinculação de Deus com o Povo Eleito. Com a invocação da "lealdade" de Deus para acabar com os inimigos se invoca a Ele não para fazer do poder divino o instrumento da vingança humana, mas para valer-se do destino comum a Deus e ao Povo Eleito, cujos fiéis querem ver-se livres dos que também são inimigos de Deus. Em outro salmo se apela ao desígnio da fidelidade de Deus para exterminar os inimigos (Sl 54,7), por ser o penhor da intervenção de Deus em virtude da Aliança sagrada. No salmo 143, porém, se invoca a "leal-

dade" de Deus, na introdução (v.1), e a "lealdade" na conclusão, para indicar que a existência e evolução do Povo Eleito não depende das leis ordinárias da história, mas da proteção que Deus dispensa aos seus aliados.

Na releitura cristã se interpreta a invectiva contra pessoas em termos de imprecação contra fatores e conjunturas que provocam resultados desastrosos na sociedade.

Por que se recitam imprecações na oração comunitária?

Os Salmos de súplica individual são recitados na comunidade de fé e destinam-se aos fiéis, cujas preces não são ouvidas pelos ímpios que não frequentam as reuniões litúrgicas. Por isso as preces imprecatórias contra inimigos e ímpios têm por objetivo reforçar os laços de solidariedade entre os fiéis que estão no mesmo barco e *en bloc* estão à mercê da agressão externa, não se visando criar uma espiritualidade de vítima, mas despertar a consciência de que todos os membros da comunidade têm necessidade de consolidar sua fidelidade em meio à adversidade. Eles têm o mérito de conservar-se fiéis graças à fortaleza e à confiança na ajuda de Deus. É uma fé ativa e não passiva, diferente de um quietismo religioso, que não resistiria em meio às tribulações.

Além disso, os fiéis têm de se lembrar de que a comunidade de fé não é um fim em si. Ela é mediação da palavra de Deus, que se objetiva nos fatos históricos do povo de Israel, cujo destino está ligado ao desígnio salvífico de Deus na história. Se este povo deixasse de existir, Deus não

teria um povo a seu serviço para estender sua influência sobre os outros povos e para dar seqüência à história da salvação. Ele ficaria desprovido da comunidade que representa sua mão com a qual atua no meio da humanidade.

Chama a atenção a virulência de expressões e palavras imprecatórias que ocorrem nas apóstrofes dirigidas contra inimigos e ímpios. São anátemas contra a impiedade e não simplesmente ameaças contra abusos de poder na sociedade. Assemelham-se às denúncias proféticas contra os israelitas que romperam com a Aliança sagrada. Semelhantes afinidades literárias se explicam com base na situação idêntica dos israelitas censurados nos Salmos. Tanto os profetas quanto os salmistas serviram-se dos textos de ameaças rituais que constam nos documentos referentes ao rompimento da Aliança entre Deus e seu Povo Eleito no AT (Dt 28). Convém notar, porém, que essas ameaças não expressam sentimentos vingativos, mas advertências acerca da privação das bênçãos rituais anexas ao cumprimento da Aliança. Dado que das bênçãos divinas resulta a felicidade do povo, os Salmos têm em consideração não só o caminho dos justos, mas também a trajetória dos ímpios. A comunidade, que recitava preces imprecatórias na presença de Deus, professava

tanto sua fidelidade comprometida com a Aliança de Deus quanto seu rompimento com os ímpios. Visava-se assim afastar o perigo de Deus castigar a todos por causa da impiedade de alguns⁷. O pior que poderia acontecer seria, por causa dos ímpios em Israel, Deus abandonar o Povo Eleito e deixar de realizar seu desígnio salvífico na história.

Finalmente, a dimensão comunitária da oração litúrgica nos convida a sair de nossas preferências espirituais e a abraçar as exigências da comunidade de fé em confronto com a violência na sociedade.

A razão pela qual se recita a imprecção na oração comunitária é para trazer à superfície sentimentos violentos e desejos de vingança, que agitam a alma, a fim de que, manifestando-os na presença de Deus, os fiéis se livrem deles. Ora, é típico das imprecções impetrar a execução do castigo unicamente por ação divina, sem colaboração humana. Daí se segue que nem sequer se permite aos fiéis pensar em vingança e muito menos lançar mão de qualquer meio para exercê-la contra os inimigos, mas, ao contrário, exige-se deles que deixem a Deus o exercício da justiça⁸.

A "ira de Deus" nos Salmos

Nos Salmos, as afirmações sobre Deus estão diretamente ligadas à situação con-

⁷ A recitação de imprecções no contexto da liturgia é análogo ao rito apotropaico, praticado em outras religiões, que tinha por objetivo afastar do grupo social o castigo divino.

⁸ Cf. a citação bíblica: "Para mim a vindicação, para mim o exercício da justiça, diz o Senhor"; em grego *ekdikçsis* "vindicação" (Rm 12,19). É de notar-se que nos Salmos, o termo hebraico *ngâmâ* "vingança", quando aplicado a Deus não se traduz por "vingança, mas por 'vindicação', significando retribuição punitiva (cf. Sl 94), porque em Deus não há a paixão da cólera que excita o desejo da vingança.

⁹ Cf. L. STADELMANN, *op. cit.*, p. 69-71.

creta daqueles aos quais se dirigem. Apresentam elas a reação de Deus diante da aceitação ou rejeição humana do dom que Ele faz do seu amor. Visualizam a Deus com sentimentos de ira para com o ímpio e de amizade para com o justo⁹. Ora, antropomorfismos são usados na Bíblia para descrever, por meio de uma imagem visual, a reação de Deus diante do homem, visando-se qualificar o estado espiritual do ser humano. Assim, o perfil do justo tem por reflexo o "semblante amigo" de Deus, ao passo que a figura do ímpio, o "rosto irado" de Deus.

Estas descrições em linguagem figurada não visam o ensinamento teórico da natureza de Deus, mas a religiosidade prática como vivência da relação com Deus que empenha moralmente o homem. Com efeito, esse Deus caracteriza-se pela sua proximidade e pelo desígnio salvífico com respeito ao homem, em virtude da Aliança sagrada com o Povo Eleito em seu conjunto e com cada indivíduo. Por isso Ele não pode ficar alheio ou indiferente diante dos comportamentos humanos que manifestam a fidelidade ou a ruptura do vínculo de amor divino. Na oração dos Salmos o orante entra em si e se dá conta de sua relação com Deus. A própria consciência revela-lhe a responsabilidade de sua ação: a boa consciência é imagem do semblante amigo de Deus que aprova o valor moral, ao passo que a má consciência é imagem do rosto irado de Deus que censura a impiedade. Pelo fato de os Salmos situarem a punição da impiedade no contexto da ira divina, mas colocarem o infrator na pre-

sença de Deus, permanece oferecida a salvação ao pecador arrependido.

Quanto à afirmação sobre Deus que "inspira temor", mencionada em oito Salmos¹⁰, se adota freqüentemente a interpretação fornecida pela história das religiões para explicar a concepção de Deus na religião bíblica. Convém distinguir, porém, entre o conhecimento de Deus, que parte da reflexão humana sobre a experiência de assombro no mundo espacial, como ocorre nas religiões naturais, e o conhecimento de Deus baseado na revelação divina transmitida nos livros bíblicos. Ali encontramos o atributo da majestade de Deus que, nos Salmos, é qualificado pelo temor que inspira. A explicação deste qualificativo deve ser procurada no conhecimento de Deus que é precedido de sua ação na história. Com efeito, os grandes feitos realizados por Deus não têm vida apenas naquela hora determinada em que aconteceram, mas continuam sendo lembrados juntamente com as experiências religiosas expressas na liturgia. Tornou-se então necessário matizar a majestade divina para que os fiéis do Povo Eleito evitassem manipulá-la a seu modo, explorando a presença de Deus em proveito de seus próprios planos. É que Deus exerce sua majestade de maneira soberana sobre o mundo inteiro. Além disso, por mais intensos que fossem os sentimentos de intimidade na união com Deus, não se deve democratizar a Deus, tratando com Ele de igual para igual. É de notar também que o temor nos inclina ao respeito filial de Deus, levando-nos a ter horror a qualquer ofensa a Ele.

¹⁰ Sl 47,3; 65,6; 66,5; 68,36; 76,8.12; 89,8; 99,3; 111,9.

Conclusão

O perfil dos fiéis que rezam os Salmos se distingue pela solidariedade com os membros da comunidade de fé no contexto da liturgia. São eles que assumem não só os temas da fé, mas também sua vivência nos diversos grupos sociais envoltos num clima de sentimentos intensos e acostumados e proceder com energia no cumpri-

mento de sua missão na vida. Quem rezar os Salmos entra em diálogo com o salmista que lhe ensina um relacionamento progressivo com Deus.

Endereço do autor:

Cx. Postal 135

88010-970 Florianópolis - SC

E-mails: peluis@colegiocatarinense.g12.br

lstadelmann@yahoo.com

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- A oração dos Salmos encontra espaço na sua comunidade?
- 2- Quem são os "inimigos" que o Salmista vitupera nas imprecações? Qual o sentido mais amplo que isso tem?
- 3- Na sua apreciação, é possível rezar cristãmente os salmos imprecatórios? Porque? Quais os principais critérios para esta oração?

“Em alguns Salmos de súplica é formulado o pedido não só pela salvação dos fiéis, mas também pela punição dos infiéis.”



CRB

Impresso
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

Quadro Programático da CRB 2005-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.